ANO 4.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1924 N.º 921

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 87, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 49
TELEFONES { Direcção: C. 3195 Redacção: C. 3194
Endereço telegrafico: DIBOA

NADA menos de quatro carreiras de electricos aturadas (aturadas porque temos de as aturar) fazem o percurso descendente da Avenida Fontes Pereira de Melo. São elas a do Rocio — que por sinal vai até ao Dáfundo mas não quer que ninguem o saiba — Lumiar — Restauradores, circulação S. Sebastião e Campo Pequeno — Restauradores. Ainda ha tambem Caminhos de Ferro e Arco do Cego — Intendente.

Pois a despeito de tantas carreiras, seja por defeito de horarios, seja porque o azar assim o quere, acontece diariamente e a quasi todas as horas este facto extraordinario:

Por aposta ou teimosia, os carros juntam-se no Saldanha e descem a avenida Fontes aos grupos de quatro.

Quem não tiver a sorte de chegar á paragem nesses minutos de felicidade suprema, espera tempos infinitos — ou desespera e resolve aproveitar-se da electricidade propria para transportar-se até á Baixa.

Embora a camaradagem constitua uma virtude preciosa, parece-nos que ela não seria menosprezada, se a companhia desse as providencias necessarias para que os carros se separassem um pouco mais. Pede o o publico — e pedimo-lo nós.

* * *

O «JOÃO RATÃO», soldado da Grande Guerra, na explendida interpretação do distinto actor Estevam Amarante, reaparece ámanhã no teatro da Trindade, em recita unica, dedicada ao heroico soldado Milhões, como representante de todos os combatentes portugueses da Grande Guerra.

Ao espectaculo assiste o sr. presidente da Republica, que acedeu gentilmente ao convite do *Diario de Lisboa*.

O ilustre escritor e oficial do exercito André Brun pronunciará algumas palavras de saudação ao soldado Milhões.

* * *

O VERDADEIRO nome do glorioso combatente que hoje se encontra na Batalha, ao lado dos seus irmãos de armas, é Anibal Augusto Monteiro Milhões—ou Melhais segundo a certidão de baptismo.

E' interessante frisar que o soldado Milhões não tem de seu mais do que uma horta que lhe custou 150 escudos, e a aspiração de vir a possuir uma casa na sua terra natal.

* * *

FOI hoje posta á venda «A Nova Europa», descrição da actual organização politica da Europa, notavel trabalho do coronel sr. Mario Campos, distinto professor da Escola Militar. O livro que é o primeiro que no genero se publica, contem um esplendido mapa, composto pelo capitão sr. Alvaro Leal.

* * *

O «DIARIO DE LISBOA» manifesta o seu mais vivo reconhecimento ao ilustre governador civil de Vila Real, sr. dr. Sebastião Augusto Ribeiro, pela gentilissima cooperação prestada ao nosso jornal na viada a Lisboa do heroico soldado Anibal Augusto Melhais.

* * *

NO seu elegante estabelecimento do Chiado, inaugurou hoje o nosso amigo e colaborador Arnaldo Garcez uma interessante exposição das suas fotografias da guerra, que têm sido muito admiradas.

A exposição conserva-se aberta até ao proximo domingo.

O soldado desconhecido

Primeiro que tudo, parece-me justo formular esta pregunta:—«Quem é o soldado desconhecido?»—

Um soldado português que deu a sua vida pela Patria, na Africa ou em França, perecendo tão obscuramente que o seu nome se perdeu para sempre na lembrança dos homens.

Lutou, sofreu, passou horas de magua e saudade, andou exposto ao frio, ao vento, á chuva ou aos calores tropicais, porventura sem soltar um ai nem um protesto.

Não praticou feitos brilhantes dos que imediatamente criam um nome, uma fulguração de gloria.

Ignorado foi para a guerra, ignoradamente se bateu e conseguiu morrer ignorado. Limitou-se unicamente a cumprir o seu dever, com a consciencia de obedecer ao seu destino.

Que energia ou que sentimento animava um soldado que assim se ocultava na massa sombria dos combatentes?

O Amor da sua Patria, da sua terra, da sua familia e da sua noiva.

Nas horas tragicas da luta, ele via junto a si, bem nitidas e bem vivas, as imagens queridas que o seu sonho de português delineava, como se no seu peito os sentimentos tivessem o extraordinario poder de chamar e atrair as paisagens e os rostos que tinham ficado em Portugal.

Conta-se que Napoleão, encarando um dia num pequeno soldado que se arrastava sósinho, rôto e enfermo, a grande distancia do seu regimento, lhe preguntara:

—«Que tens tu?»—

—«Nada».

—«Porque não acompanhas o regimento?

—«Para chegar ao campo de batalha, quando elas já estiverem cançados.

Não sei se o nosso soldado seria capaz de dar igual resposta, mas creio firmemente que o seu valor não lhe ficaria atraz.

Em França e na Africa, ele soube viver de pouco, mas saciar-se de heroismo.

Quantos cairam para não mais se levantar, encostando a cabeça para o sono eterno, tão acima das miserias da terra que talvez não pensassem senão na mancha doirada de Portugal que uma derradeira recordação lhes entremostrava, atravez de neblinas!

Entre tais bravos, devemos contar, sem uma hesitação, esse que agora nós saudamos com o nome de soldado desconhecido. Repousa na Batalha—nesse monumento de grandeza que representa todos os soluços e orações resadas pelas mães e esposas dos que pelejaram em Aljubarrota.

Hoje, ás 17 horas, começará a brilhar, diante do seu tumulo, na Sala do Capitulo, o Lampadario da Patria, em cuja chama—limpida, vigilante e infatigavel—palpita a nossa devoção e o nosso patriotismo.

Os dias irão passando para nós alegres ou tristes, calmos ou revoltos, cheios de crenças ou desilusões, mas a lusinha do Lampadario, sem um desfalecimento, como uma sentinela que não arreda passo do seu posto, ficará sendo a prece da raça ao heroe anonimo que um dia partiu para a guerra com uma canção nos labios e que dela voltou já cadaver—e tão sem parentes ou amigos que seis milhões de almas lhe deram o seu lar, os seus afectos, as mais lindas flores dos seus jardins e as mais puras lagrimas da sua enternecida piedade.

O soldado desconhecido não tentou fortuna, nos campos de batalha, visto que os militares representam, na vida dos povos, os guardes constantes da sua honra e da sua tranquilidade.

Não quiz ser comerciante, nem banqueiro, industrial ou agricultor, porque estava escrito que ele teria, numa hora terrivel, mas de uma suprema magestade, que colocar-se em frente do inimigo e bradar-lhe:

— «Não passarás para o solo que defendo, a não ser que me arranques primeiro o coração que palpita no meu seio! — ».

Teve o desgosto ou a satisfação — quem ousará distinguir? — de não colher por suas proprias mãos os louros da vitoria. O seu esforço, a sua valentia, o seu pensamento e a sua audacia ficaram incorporados ao patrimonio da Patria.

Se nós um dia o esquecessemos, deixando apagar o Lampadario, estejamos certos de que nossa Patria caminharia para o sol-posto.

A vida origina-se na morte e a morte abre-nos as portas para Deus.

Que seria de nós todos, se o soldado desconhecido não fosse um companheiro incançavel das nossas saudosas romagens, o inspirador do nosso culto pelo passado!

Ele é um simbolo — a mocidade da Patria, renovando-se nas belas acções dos seus filhos. Ele é um poema — mais umas tantas estancias gravadas no marmore puro dos *Lusiadas*.

Ele é um grito de alegria — os velhos, as mulheres e as crianças, abraçando-se nele, para não temerem a furia mortifera dos barbaros.

Ele é a garantia dum futuro melhor—os braços do cavador e a inspiração do poeta, demandando a terra para obterem fructos de benção ou pedindo ao ceo as revelações da Perfeição imortal.

Se o soldado desconhecido deu o seu sangue pela nossa Patria, não é demais que velemos junto dele, ofertando-lhe o que, entre nós, ha de mais precioso — o oleo que arde nas lampadas e o amor incorruptivel que cimentou oito seculos de historia.

Actualmente nós padecemos as amarguras que a guerra gerou e que a paz prolonga e estende, como as aguas impuras dum rio que as invernias fazem sair do seu leito, invadindo e assolando os campos, submergindo as searas e aterrando as aldeias.

Seria, porventura, inutil o esforço dos nossos soldados?

Ninguem admita tal suposição.

Na marcha da historia, não ha gestos inuteis.

O sofrimento purifica e engrandece.

A côr de hoje desabrocha nas venturas de amanhã.

Antes de nós já houve em Portugal tempos bem desgraçados.

Se os nossos pais não tivessem reagido, fazendo face ao infortunio, onde estariamos nós? Visto que beneficiamos com as conquistas das gerações passadas, devemos aceitar com confiança os encargos que nos cabem, no momento presente.

A Patria é sobretudo um grande acto de fé feito no coração de cada um de nós.

Voltemo-nos para o soldado desconhecido e peçamos-lhe a força humilde que o fez heroe, a resignação que o fez martir e a esperança imortal que enflora o seu tumulo, com cravos, rosas e lirios em que se assinala para todos os seculos o seu amor a Portugal.

(Trecho do discurso iido hoje, perante alunas e professores do Conservatorio)

Joaquim Manso

TEM tido um grande sucesso de livraria a peça de Alfredo Cortez —*Á La Fé*— que, além das suas notaveis qualidades scenicas, constitue um trabalho literario de alto valor.

Na sua leitura, encontram-se paginas de rara beleza, em que o poéta e o dramaturgo se unem tão perfeitamente que obedecem á mesma inspiração e realisam o mesmo esforço.

Á La Fé deve continuar a sua carreira, no Politeama, num dos proximos dias, visto o publico haver manifestado o seu entusiasmo por um drama historico que tantas discussões vem provocando.

Apesar de se afirmar frequentemente que passaram de moda as evocações teatrais das figuras e epocas da nossa historia, manda a verdade que se diga que *Á La Fé* seria sempre uma excepção — tamanha é a vida que o anima, e tão humanos e sentidos são os sentimentos e as paixões que palpitam nas suas scenas.

* * *

DO sr. José Maria Mendonça, presidente da comissão executiva da Camara Municipal de Murça, recebemos o seguinte telegrama:

«Camara Municipal de Murça, gratamente impressionada pela bela iniciativa do grande jornal *Diario de Lisboa*, de consagração ao soldado Anibal Milhões, que pela sua bravura e simplicidade tão bem soube representar a raça transmontana, associa-se a todas as manifestações, em nome da terra que foi berço do heroi. Nesta data solicita ao seu ilustre patricio Alfredo Pinto que a represente em todos os actos oficiaes e homenagens que forem prestadas ao seu bravo conterraneo.»

* * *

O SR. Martins Faria, director da Empresa Nacional de Maquinas L.da, do Largo do Intendente, escreveu nos uma carta amabilissima, declarando oferecer ao soldado «Milhões» um tractor «Bauche», explendida marca que acaba de ser lançada no mercado, afim de que o heroi, quando regressar á sua terra, possa lavrá-la com menos fadiga e maior aproveitamento.

O sr. Martins Faria prontifica-se tambem a ensinar ao «Milhões» o funcionamento do tractor.

Os nossos agradecimentos por tão bela oferta.

* * *

O CORONEL sr. Mario de Campos, prosador da guerra, prestando homenagem aos dois herois desconhecidos, enviou-nos as linhas que seguem:

«Parafraseando a bela apostrofre, já hoje historica, de Foch a Napoleão I, direi:

«Soldados da Grande Guerra! Dormi em paz! Mesmo no tumulo continuais a trabalhar pela Patria!»

* * *

NAS suas paginas centraes o *Diario de Lisboa* publica hoje os retratos dos elementos preponderantes da nossa intervenção na guerra europeia e dalguns combates gloriosos. Dos primeiros, um desapareceu já do numero dos vivos — o almirante Leote do Rego.

Vai para ele a nossa saudade.

* * *

PARTIU hoje para Tuy, a assumir as funções de consul de Portugal, o nosso querido camarada Luís Consiglieri Sá Pereira.

A língua

XIII

Partidas dobradas

Eu não sei nada de contabilidade; mas aos que dela sabem alguma coisa são familiares umas operações, a que êles chamam *partidas dobradas*.

Não trato, porém, dessas partidas, e quero simplesmente referir-me áquelas que, na escrita, fazemos ao nosso inocente alfabeto.

Em regra, fazem-se partidas propositadamente, por malevolência ou apenas por facécia; mas as que o alfabeto e a gramática sofrem podem dizer-se inconscientes, e portanto isentas de penalidade, visto que a intenção criminosa é indispensável na classificação dos delitos.

Quando na escrita se substitue indevidamente uma letra por outra, temos uma partida simples, infligida ao nosso alfabeto, partida que infelizmente é vulgarissima; e quando se substitue uma letra por duas, temos partida dobrada, que nada diverte os amigos do alfabeto.

A mais sugestiva e mais vulgar dessas partidinhas dobradas é a que se dá com uma palavra, que na anda boca de toda gente, e que aparece em todos os jornaes, erroneamente transformada.

Exemplificando:

São de dois dos mais interessantes e mais lidos periodicos portuguesès os seguintes extractos:

—«Desculpe-me a massada.»

—«... desistir de massar os outros.».

—«Um drama, um pouco massador.»

Não obstante a letra redonda destes excerptos, pode afirmar-se que *massada, massar, massador*, são palavras que, com esta forma, nunca existiram na boa escrita portuguesa. Quem assim escreve faz ao alfabeto partida dobrada, substituindo por duas letras, (s dobrado ou geminado), uma só letra, o *ç*.

O que se escreve em português é *maçar, maçado, maçador*.

Não dizem outra coisa os mestres, nem outra coisa diz o mais somenos dicionario.

Temos *massa* e *maça*, duas coisas de significado diferente. A massa, em geral, todos sabem o que é; e *maça*, nem todos a teremos sentido nas costas, mas assim podemos chamar á clava de Hercules, e assim chamamos tambem á moca, ou a qualquer pau pesado, e mais grosso numa das extremidades do que na outra.

Ora, desta *maça* é que veiu o *maçar*, (bater com maça, importunar, enfadar), e do *maçar* derivámos a *maçada* e o *maçador*.

Mas, a tal ponto se arreigou a tal partidinha, que até o dilecto maço de cigarros aparece nos jornais e especialmente nos anuncios, sob a forma de *masso*!

Provavelmente, os fabricantes e vendedores escrevem *masso*, para não pensar no maço dos carpinteiros, que poderia vingar-nos da carestia do maço de cigarros.

E basta de maçada.

C. Senior

O 9 de Abril

Vem cantado d'uma fórma vibrante e patriotica no livro **Segredos da Musa** de FREITAS CAMARA, á venda em todas às livrarias.

TAPETES e CARPETTES DO ORIENTE

The British Products Supply, Ltd.

Calçada do Carmo, 25, s/l

(AO ROCIO)

SERPOZIL NOBRE SOBRINHO

Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da

TOSSE CONVULSA

E' laxativa e espectorante e de sabor agradavel.

Deposito: Rua de Santa Justa, 45, 2.º—LISBOA.

Teixeira Lopes & C.ª, Lda.

O MOSTEIRO DA BATALHA

Um voto de D. João I e a tumulização dos soldados desconhecidos

Vão lá mais de 500 anos! Naquela época os campos de Aljubarrota estendiam-se tocando os limites do logar onde actualmente a Batalha existe.

Era então este um ermo descampado onde uns raros moinhos trituravam grãos de trigo, na ancia já então feita lei, de reduzir a pó que é vida, que é sangue, que é luta, essa pequenina semente.

E na solidão, o rom rom das pedras triturando sempre, matando sem piedade essas vidas, que, transmigrando-se foram dando-se a outras de onde nós viemos...

De Leiria, étape caminheira, o exercito de Castela descera no seguimento doutro fito, grande, arrojado: tomar Lisboa. El Rei João I informado a tempo, junta os seus 6.000 homens e passando por Tomar, Ourem e Porto de Moz, apresta-os para a gloriosa jornada que em 14 de Agosto rebrilhou em armas, nos escudos, na alma de todo o Portugal.

Foi uma epopeia essa luta!

Os 30.000 soldados castelhanos, desbaratados, chacinados e fugidios, deixam os campos cobertos de despojos, tantos e tão ricos, que muitos nos nossos dias atestam ainda pela sua existencia a valentia do soldado português.

Foi mundial o reflexo! E ao ler-se a historia, ainda hoje — e a distancia é já tamanha — um fremito de orgulho nos tolhe.

E' que foi enormissima, quasi inacreditavel, a obra daquele dia!

* * *

Perto dos moinhos que atestavam vida naquele ermo a que venho de fazer referencia, uma capelinha nua e pobre, olhava religiosamente o sol.

El Rei João I, na vespera da batalha, entrára ali para rezar. Aquelas ruinas cuidadas mas apergaminhadas pelo tempo ainda hoje proximo ao Mosteiro atestam exitencia. El-Rei orou. Naquele tempo a crença era divino descanço para o espirito e conjuntamente estimulo imenso para a luta.

Cá fóra uma brisa leve, ondulava ao mesmo tempo que os estandartes dos seus infantes, as bandeiras da cavalaria e o lençol de agua que na lagôa ali existente se estendia em muitas braças.

Orando, El Rei fizera votos, um dos quais fôra «... que se a sorte das armas o favorecesse, após o final da encarniçada luta, atiraria violentamente a sua lança e onde ela fôsse cair, ergueria um monumento a Santa Maria da Vitoria».

E assim fez no seguinte dia!

A lança, retesado o braço, impelida com força, foi mergulhar no alagadiço local onde a agua estendia lençol imenso e que depois uma vontade ferrea, admiravel direcção pessoal, estacaria, meios diversos postos em obediencia, transformou no seguro ponto onde descança, a atestar inteligencias fecundas e brilhantes, essa obra maravilhosa, linda, audaz, leve como espuma, franjada como renda, transparente como vidro, resistente como rocha, que é o Mosteiro da Batalha!

* * *

Vão lá mais de cinco seculos e essa distancia não diminue antes aumenta, hoje e sempre, a admiração e o espanto, quando se antolha aquele grandiosissimo edificio!

Muitos dos leitores certamente não sabem que essa canceira tremenda para dar realidade á obra e cumprimento ao voto dum rei, levou anos e anos em constante alvoroço! Pois quasi 40 foram aqueles os consumidos a construir, o que não admira, porque o trabalho meticuloso e belo, demandava dias e meses, esforços e cuidados.

De toda a parte onde a Arte tinha principes, os destacou, para assistir ou ajudar á fatura da obra prima, que nos é dado, a nós Portugueses, conservar, respeitar, alindar.

Muitos centos de artistas trabalhavam diariamente e é do conhecimento e da historia, aquela afirmativa sobre o valor monetario da epoca, porquanto, está perfeitamente averiguado, as ferias semanais orçantes por cem escudos, tinham sempre escolta de cavalaria, tão importante era então o valor duma misera moeda equivalente aos nossos dois centavos.

Então nem um alqueire de trigo, nem o ordenado do melhor artista, ultrapassava aquele valor!...

* * *

A tumulisação dos nossos soldados desconhecidos vae fazer-se.

A «Chama da Patria» delicadissima ideia que a alma portuguesa recebeu orando, vae alumiar o local piedoso onde o Sentimento tocado de Amargura inhumou os restos dos herois. O Povo de Portugal, filho dum paiz, imenso em glorias e heroismos, resará baixinho, recordando-os.

A imensa e magestosa Casa do Capitulo, cujas abobodas, tocadas pelo genio de Afonso Domingues, mantêm, sem um leve desalinho, aquele segredo de arte que lhe imprimiu o arquitecto, cuja figura num dos seus angulos se vê, ficará sendo para os nossos vindouros, o sacrario religioso onde coração e espirito português guarde a encarnação viva da época e data que nunca mais seu Livro Grande ocultará a olhares e estudos futuros.

* * *

E' agora ocasião do ministerio que tem a seu cargo a sublime missão de semear os cerebros da mocidade, para que ámanhã, na colheita, os frutos sejam brilhantes, tomar a seu cargo a pagina patriotica que uma data gloriosa ilumina.

Fazer passar essa mocidade anualmente perante a magestade imponente da Basilica em que Portugal guarda os seus herois, era um gesto civico de incomparavel grandeza, mas, como o nosso pobre erario não o permite, seria util dar premio ao estudioso, levando-o ali pela mão oficial, para que ele veja, para que ele leia, para que ele guarde.

Felizes daqueles que souberam ler, ver e guardar, tal qual se contem nesse monumento onde a Patria canta!

Felizes tambem os contemporaneos da imorredoura data que o 9 de Abril representa!

E duplamente venturosos os que poderam viver a epopeia da guerra e o rasgão andacioso, imenso, unico, incomparavel, do vôo Sacadura Coutinho.

ALVARO NETO

ROCIO-CLUB

(ROCIO, 36, 2.º)

A DIRECÇÃO participa aos seus exmos socios que iniciou um serviço de jantares a 9 escudos durante os quais toca um esplendido terceto.

Todas as noites variedades pela celebre coupletista "LA IZABELITA".

Mundanismo

Aniversarios

Fazem hoje anos as senhoras:

Viscondessa de Meirelles, D. Maria Luiza Geraldes Pizarro da Cunha Portocarrero, D. Tereza Maria Ayres de Gouveia Allen (Villar de Allen), D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Leonor Mendes de Vasconcellos Guedes, D. Maria Ludovina de Serpa Pimentel, D. Josefina Adelaide da Silva Oliveira Furtado, D. Maria Leonor Mendes de Vasconcelos Guedes, D. Maria das Dores Pinto e D. Julia da Fonseca Magalhães da Costa e Silva Prosser de Andrade.

E os srs.:

Conselheiro Artur Pinto de Miranda Montenegro e Frederico Ocm.

E ámanhã as senhoras:

Condessa de Vilalva, D. Maria Antonia Fialho de Sousa Coutinho (Linhares), D. Sofia Maerlein de Castel Branco, D. Maria Ignacia de Matos Vilardebo Chaves, D. Maria Izabel Malheiro Pereira e Castro de Vilhena (Mogadouro), D. Matilde Esteban Reynolds e D. Maria Amelia Pinto Bastos.

E os srs.:

Dr. João Moreira Valente de Rezende Abreu Freire (Baçar), Hemiterio Borges de Almeida, Julio Claro da Fonseca Peixoto, Artur Abecassis, José Valado Arnaud, Luiz Calheiros Kruz e Alfredo Calheiros Kruz.

Recitas elegantes

Festas de autores

Na proxima sexta-feira realisa-se no S. Luiz, com a 15.ª representação da encantadora opereta, genuinamente portuguesa, «As andorinhas», original de D. José Paulo da Camara e do dr. Feliciano Santos, a recita de homenagem da empresa aos felizes autores da mais bela opereta desta temporada.

Em seg.da dames alguns nomes de pessoas que já têm camarotes:

D. Maria de Jesus de Sousa e Holstein de Ornelas e Vasconcelos, duqueza de Palmela, condessa de Ficalho, D. Laura Ferreira Pinto Figueira Freire da Camara, D. Maria do Carmo da Cunha da Camara de Castelo Branco (Pombeiro), D. Carlota da Cunha da Camara (Ribeira Grande), D. Conceição de Sousa e Holstein (Cezimbra), D. Maria Teresa Pressler Pinheiro Chagas, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Dulce Cortez, D. Maria Luiza da Camara Horta e Costa, dr. Rocha Peixoto, D. Maria Luiza de Sousa e Vasconcelos Alves Perestrelo, Helder Ribeiro, etc., etc.

Companhia francesa

A'manhã continuaremos a publicação da nota das pessoas que têm assinatura para as seis unicas recitas que vem dar no S. Luiz a brilhante companhia dramatica francesa de que fazem parte as três «vedetas» do teatro francês Jeanne Provost, Georges Mauley e Maurice Lagrenée.

Casamentos

Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Eliza Malheiros Rodrigues, esposa do sr. Joaquim Eugenio Rodrigues, para seu filho Antonio, a sr.ª D. Sofia Rodrigues Lopes, gentil filha da sr.ª D. Libania de Jesus Rodrigues Lopes e do sr. Virgilio de Mesquita Lopes.

O casamento deverá realizar-se brevemente.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde nas «matinés» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes, á noite no teatro Avenida, recita da moda com a peça «O Pariapatão», original de Eduardo Schwalbach, e no Trindade, recita comemorando o 9 de abril, com uma unica representação da engraçada opereta portuguesa de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos «O João Ratão».

Em viagem

Está em Lisboa, vindo da sua casa do Ameal, o sr. conde de Ameal.

—Regressou de Loanda, o sr. Antonio Maria de Vasconcelos.

—Para Valenças, Godin, partiu o sr. dr. José Maria Rodrigues.

—Encontram-se em Lisboa o engenheiro sr. Teles Fortes e o importante comerciante sr. Gabriel Brito da Cunha, do Porto.

Doentes

Está felizmente quasi restabelecido do ataque de «grippe» que o reteve durante alguns dias em casa o nosso presado colega e ilustre director de «A Tarde» sr. Jorge de Abreu.

AVISO AO PUBLICO

A Empreza do Coliseu dos Recreios, não obstante ter alcançado grande triunfo e estar em pleno sucesso a engraçada pantomima «A Feira de Sevilha» com bailados e cantos flamengos e a grande tourada á espanhola na qual é lidado um autentico, puro e bravissimo novilho, previne o Ex.mo Publico de que se vê forçada a terminar os espectaculos da Grande Companhia de Circo no proximo domingo por os artistas que a compõem terem de cumprir os seus contractos no estrangeiro.

POLITEAMA Hoje, ás 21,30

A engraçadissima comedia

GREVE GERAL

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

RAÇA IMORTAL

O cortejo heroico
DE LEIRIA
ao Mosteiro da Batalha

Acompanhei-lhe o cadaver desde a estação de Leiria ao Mosteiro da Batalha. Naquele dia de claro sol, em que o ceu se associava com uma suave pureza áquele enterro, a linda cidade rumorejava de gente, e cobria-se de gala. Nas ruas iriadas de luz, e onde um imenso tapete de rosmaninho exalava um perfume casto, a lembrar igrejas, havia o ar festivo dum Povo que ia consagrar um Morto para dignificar a Raça. A cidade sorria. Beijada pelo Liz, o alto castelo olhando-a com orgulho, naquela tarde luminosa, parecia estremecer de alegria. Em vez dum morto parecia receber um noivado. As ruas formigavam de povo, o elemento militar abundava. Nas janelas engalanadas de colchas, damas scismadoras, a olhar perdido no movimento das ruas, esperavam desde muito tempo o cortejo. Transparecia a anciedade pelo sequito brilhante, imponente, rico de fardas ,de corôas, de flores, de condecorações e bandeiras. E chegou emfim o Morto á estação de Leiria. Vi tirar o caixão do comboio. E depois segui-o. E naquela marcha lenta, em que se levava um combatente desconhecido para o apogeo da Honra, os meus olhos avidos de minuciosidades que impressionasem, abrangem, por vezes, todo o conjunto. Era longe e parecia interminavel o cortejo. A extensa fila de carros, de automoveis, semelhando uma longa sombra na estrada, movia-se lentamente, e parecia não ter fim. Iam ali as palmas, os bronzes, as corôas, as flores, todas as valiosas lembranças com que a alma de Portugal honrava o seu Soldado. Depois o grande acompanhamento de generaes, de bispos, de almirantes, e ministros. E até que entrou o cortejo na cidade, o Morto cercado de honras, coberto de flores, e de sol. Repicam os sinos; das janelas caem petalas de lirios; a multidão descobre-se. E debaixo da chuva de flores chegou o cortejo ao extremo da cidade. Um côro de creanças entôa a Portuguesa. Deixamos Leiria. Agora seguia-se a estrada, larga, poeirenta, as margens risonhas, pujantes de seiva e de verdura. Junto ás bermas grupos de camponezes, atraídos pela pompa, deixavam-se extasiar na contemplação do cortejo. Dum e outro lado, pelas encosas, sorria a primavera. Entramos na Azoia. E o meu espirito, absorto, foi então despertado pelo companheiro do lado:

—Camarada: olhe para aquela casa.

Olhei. Era uma casa humlide, barrenta, sem cal, dum só andar. Em baixo, no chão, junto á parede, uma fiada de goivos; em cima numa janela entreaberta, uma encarquilhada velhinha. E a santa velhinha chorava. Naquela casa ninguem mais vi. Só aquela mulher, com a sua idade, com a sua solidão, com os seus goivos, e as suas lagrimas. E desde muito tempo que a desolada velhinha se devia desfazer em pranto. E' que o caixão já ia longe, e eu, que presenciava aquele choro, ia na rectaguarda, quasi na cauda do cortejo. Oh! que impressão me deixou aquela casa!... Os goivos, em baixo, significando luto, as lagrimas, em cima, a traduzir a dôr. E tudo humilde, pobre, simples, recatadamente, como se o sofrimento, para ser mais sublime, tivesse necessidade de estar só e de ocultar-se. E agora, durante o longo trajecto, todo o meu pensamento fugia para aquelas lagrimas, tão calmas, tão humildes, tão impregnadas de doce poesia. O longo cortejo avançava. O sol, que começava a declinar para o poente, envolvia agora o campo num vasto manto de luz. Estavamos a dois quilometros da Batalha. Apeamo-nos. E o cortejo, agora a pé, tornava-se mais magestoso. O caixão, agora ladeado pelas bandeiras dos regimentos, passava por entre alas de tropa, as armas apresentadas, e a vista naquele caixão. Tangem os sinos; as bandas tocam. E desceu por fim o cortejo a curta rampa que vae direit aao Mosteiro. De um e outro lado, enchendo as encostas, uma enorme massa de povo parecia estremecer, comovida. Vibrante naquele momento a alma de Portugal. O cortejo pára. Generaes levam o Morto á sua ultima morada. Entrei no Mosteiro. Na sala ampla e sombria onde o cadaver ficára, uma mulher, de meia idade, toda carregada de luto, feriu-me especialmente a atenção. Emquanto a multidão entrava e saía, para ali se deixára ficar, desprendida de todos, e muito chegada ao caixão. Com o seu olhar triste, demorado, duma intensa melancolia, ali puzera o pensamento, e ali se demorava. E tudo sube. A'quela mulher morrera o filho na guerra. Era o seu Luiz. Partira alegre, novo, cheio de esperança e de vida, quando os portugueses partiram. Depois esperou... esperou muito tempo por ele... Mas ele, o seu Luiz, o unico filho que tinha, nunca mais voltou. Ai! como o abraçaria, como o cobriria de beijos no dia em que voltasse!... Mas não teve essa sorte. O seu filho, o seu Luiz, ficára para sempre lá longe, muito longe... E por isso ela acompanhára aquele Morto, apreenssiva, uma cruel incerteza a torturá-la.

E agora ali, naquele ultimo adeus, aquele olhar ardente, demorado, dunra infinita tristeza, bem traduzia a cruciante duvida que lhe dilacerava a alma: «Ah! não poder ela abrir o caixão!... E se era aquele o seu filho?...»

* * *

Regressei a Leiria.

O sol tinha atingido o poente. Grandes sombras alongavam-se, e cobriam agora a terra numa misteriosa tristeza. O crepusculo sucedia lentamente ao dia. E em breve a luz morreu, e a noite sombria veiu.

E emquanto a vista me apresentava agora o amplo ceu, azul, infinito, golpeado de estrelas, duma dôce serenidade, a minha imaginação divagava: «Como a natureza era grande, e como a humanidade era pequena!...

Que harmonia tão perfeita nos astros, em todos os movimentos do universo, e que desharmonia no genero humano, e nas relações entre os homens!... A que acabára eu de assistir?... Ao ultimo epilogo dum grande drama em que dominára a dôr por imposição do homem. E isto desde Abel e Caim, o homem lobo do homem, individuo contra indviiduo, familias contra familias, nações contra nações, interruptamente, sem fim, através da humanidade e sem modificação sensivel. E tudo porque a natureza não quere a igualdade, e porque a alma humana se ha de achar eternamente acorrentada a quatro polos opostos, seguros, constantes, e imutaveis: prazer e dôr, amor e odio; mas com predominio daqueles com que a humanidade sofre. E por isso as mesmas luta ensanguentando o mundo, e por isso os mesmos factos a repetirem-se tenebrosamente na historia. Sempre a mesma ambição, o mesmo egoismo, as mesmas ciladas, as mesmas traições, as mesmas quedas duns para o engrandecimento de outros. Prega-se o amor, e o homem sofre; impõe-se a verdade, e a mentira vence. E é a mentira, na sua grande força, que parece impelir o mundo. A ela nos curvamos, a ela obedecemos, e por uma lei fatal, a ela nos agarramos para mais vertiginosamente seguirmos para o aniquilamento. Quanta violencia, quanto cime, quanta mentira, para o homem subjugar o homem!...»

E assim pensando cheguei a Azoia. E então uma suave recordação me despertou: «Sim, fôra ali numa humilde janela... Uma encarquilhada velhinha... o seu isolamento... as suas lagrimas... Cá em baixo os goivos que piedosamente puzera.

... ...

Não, nem tudo é mentira no mundo. Não eram fingidas as tuas lagrimas ó santa velhinha que choravas. Como uma caricia divina, elas caíram sobre aquele Morto, e sobre toda a Humanidade. E como eu recordo os teus goivos!... E' que naquela simplicidade com que exteriosizaste a dôr, havia mais valor, mais grandeza, e mais verdade, que em toda a diplomacia do mundo.

Bemditas as vossas lagrimas, mulheres de Portugal.

JORGE DE OLIVEIRA MAMEDE

O soldado Milhões

que hoje foi ao mosteiro da Batalha depôr dois ramos de flôres nos tumulos dos soldados desconhecidos

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA
RUA DO OURO, 18, 24
PORTO
PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

OS ARMAZENS

Grandella

estão liquidando com consideraveis

abatimentos

tudo quanto ali resta da estação de inverno para dar lugar aos novos sortimentos para

VERAO

SEDAS

LIBERTYS, PONGÉS E OTTOMANES que eram de preços mais elevados e agora vendemos o Metro **15 ESCUDOS**

SARJA DE SEDA PRETA que vale bem o dôbro é agora vendemos o metro a **7 ESCUDOS**

LAS PARA VESTIDOS

CREPE MARROCAIN, LÃ E SEDA liso e fantasia Valor real 32$00 Vende-se agora, o metro **20 Esc.**

TENNIS

Magnificos tecidos de lã, ás riscas e em xadrez para vestidos ou fatos de sport. Valor real 40$00 Metro **18 Esc.**

SARJAS DE LÃ para vestidos, em 30 côres diferentes. Valor real 36$00. Metro **24 Esc.**

PARA FATOS

na secção de mercador (4.º andar)

PIQUETS CORES LISAS para fatos ou vestidos. Larg. 1,50 Eram de 60$00. Metro **40 Esc.**

CASIMIRAS PARA FATOS Larg. 1,50. Estavam marcadas 78$00. Vende-se o metro **30 Esc.**

CASIMIRAS DE FANTASIA artigo magnifico para fatos. Larg. 1,50. Eram de 38$50. Vendem-se agora, o metro a **29$50**

OS RESTOS DAS 5 edições da AGENDA «GRANDELLA» para 1924 que se vendia a 5$00. Liquidam-se agora a **3 Escudos, cada!!!**

Serão ámanhã postas á venda algumas saccas do magnifico

ARROZ

"PALHA BLANCO"

que vendemos o kilo a

3 ESCUDOS !!!

e um magnico SABÃO de 1.ª qualidade, côr de rosa que vendemos agora a

4$60 CADA KILO!!!

e magnificas **AMENDOAS**

— MUITO MAIS BARATAS —

ARMAZENS GRANDELLA

Empregados de escritorio

Rua da Madalena, 225, 1.º

ESTATISTICA **BIBLIOGRAFIA**

Na sua primeira reunião, efectuada no dia 3 do corrente, a nova direcção deste organismo procurou orientar-se nos trabalhos realizados pelas direcções transactas de modo a estabelecer uma acção de perfeita continuidade.

Constatou a necessidade urgente de realizar entre outros trabalhos os de **Estatistica** e **Bibliografia** profissional, já por vezes tentados, resolvendo adotar *um programa* de realizações para o que procurará a coloboração não só dos seus consocios ainda e até de todos os individuos a quem esses trabalhos possam interessar mesmo que sejam estranhos á Organização e á classe.

Para confeção desse programa pede a todos os empregados de escritorios, qualquer que seja a sua categoria, situação, ramo, etc., que lhe enviem com a maxima urgencia propostas, alvitres e que se façam mesmo presentes na reunião a realizar-se no proximo dia 10, dia em que devem ser apreciadas as primeiras bases, tentativas do citado programa.

O secretario,
Ramos da Cunha

TOSSE

CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE

DR. ANDREU DO BARCELONA

a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.

A venda as Pharmacias e Drogarias

Experimentem este producto, que, além de ser mais economico tambem mais eficaz do que outros similares

DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS

GIMENEZ-SALINAS & C.ª

9, Rua Nova da Trindade, 1.º — LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS GARANTIA

Fundada em 1853 — PORTO

CAPITAL E RESERVAS: ESC. 2.598.667$09

Efectua seguros de: vida, terrestre e maritimos em moeda nacional e estrangeira.

AGENTES EM LISBOA, COIMBRA, FARO, SANTAREM E PORTIMÃO

José Henriques, Totta L.da

BANQUEIROS

Em Lisboa: Telef. 533, 1589, 4078, 4152 e 4153

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira — Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Artigos de escritorio Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

Companhia Nacional de Navegação

Saidas em Abril:

Dia 20, para a costa Ocidental de Africa, o vapor:

Portugal

Saidas em Maio:

Dia 1, para as costas Ocidental e Oriental de Africa, o vapor:

Angola

Dia 15, para a costa Ocidental de Africa, o vapor:

Pedro Gomes

Saidas em Junho:

Dia 1, para as costas Ocidental e Oriental de Africa, vapor:

Moçambique

Dia 15, para a costa Ocidental de Africa, o vapor:

Peniche

Aviso importante

São avisados os Srs. Carregadores, que sendo indispensavel manter as saidas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso caes ou ao costado do navio, pelo menos até á ante-vespera da partida.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA — Na séde da Companhia, Rua do Comercio, 85.

NO PORTO — Na sua sucursal, Rua da Nova Alfandega, 34.

Lar francez

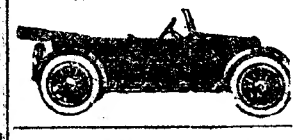
Creando e tendo hoteis e cafés. Restaurant em Marrocos e Africa Ocidental deseja conhecer pessoa dispondo de capital para a formação dum hotel.

Restaurant Francez em Lisboa. H. B. Agencia Rua da Lapa 89 r/c. á Estrela.

Telefone Norte 4120

Garage Internacional

Rua Almirante Barroso, A. C.



Peçam para este numero um automovel ou moto com *sid-car*

Serviços

Á hora, por kilometro, de teatro, *soirée* ou aturados.

Informa-se pelo telefone os preços das nossas tabelas.

Chá das cinco

A unidade

A unidade é a perfeição. E'-o em tudo na vida. E'-o, mais do que em qualquer coisa, no Amor...

Repartir o coração é como desfolhar uma rosa ou rasgar um livro, pagina a pagina. Repartir o amor é rebaixar o Amor.

Quando se ama uma mulher a valer, toda a nossa alma, toda a nossa vida se lhe entrega sem condições e sem reservas. Em holocausto a esse Amor, o homem oferece-se todo, presta-se a todos os sacrificios.

E não ha capacidade humana para se fazer isso, ao mesmo tempo, por outra mulher.

Quando, ao mesmo tempo, mais de uma mulher nos prende, é que não é o Amor o laço que nos liga. São os sentidos..

O Amor — quando é Amor a valer, quando não é apenas um desejo da carne ou uma tentação dos olhos — não permite divisão. Não tem capacidade para se dividir por mais de uma alma.

Felizes dos que, em Amor, conseguiram encontrar a unidade. Só esses, em boa verdade, conhecem o Amor em toda a sua plenitude — o Amor eterno, ardente e imperecivel...

Felix Correia

UM SARAU

organizado pela Associação de Imprensa

A direcção da Associação dos Trabalhadores de Imprensa de Lisboa está organizando uma festa a favor do seu cofre de beneficencia para viuvas e orfãos de jornalistas.

O antigo jornalista e activo empresario do Coliseu dos Recreios sr. Ricardo Covões pôs á disposição da Associação da Imprensa a referida casa de espectaculos para a realização do Sarau que terá logar na noite de 15 do corrente, No programa, figuram os nomes dos nossos mais laureados gimnastas, tendo já dado a sua adesão á bela festa o Gimnasio Club Português, o Centro Nacional de Esgrima, o Ateneu Comercial e o Lisboa Gimnasio Club contando-se ainda com outras entidades em destaque no meio desportivo. Varias bandas de musica abrilhantam o festival.

O filho de Madame Sans-Gene

Deve causar assombro e sensação no nosso meio artistico a extraordinaria estreia de ámanhã no Condes. Poucas vezes o cinema tem alcançado um mais elevado cunho de arte e de beleza e ao mesmo tempo tem realisado uma mais realista reconstituição historica como a desse «film» maravilhoso—*O filho de Madame Sans-Gene*—extraido do celebre drama de Sardou e Emile Moreau, e até certo ponto sua continuação, que foi o triunfo de Rejane em Paris e entre nós o de Lucinda Simões, no papel da lavadeira Sans-Gene, e de Augusto Rosa, no papel de Napoleão. Todos os nossos artistas e homens de letras devem ir ver ámanhã ao Condes este «film» notavel, que por si só constitue a mais absoluta e completa glorificação da arte do silencio.

«Marionettes» no Salão Foz

Espectaculo para adultos e creanças

As «Marionettes Haydee's» no seu teatro em miniatura, que actualmente se exibem no Salão Foz, são simplesmente admiraveis. As pequenas figuras bailam, cantam, executam extraordinarias sortes de transformismo e prestidigitação, são acrobatas, são musicos, emfim, maravilham de tal forma adultos e crianças, que de ha muito não assistimos a um exito de tanto brilhantismo. E' espectaculo para longa demora no cartaz do Salão Foz, cujo programa além das «Marionettes Haydee's» é constituido pelos aplaudidos duetistas «Os Diavolinos», os quais são acompanhados nos seus fados pelos dois eximios guitarristas José Cosme e Alfredo Mesquita, pela coupletista espanhola «Carmen Fontes» e pelo violinista comico «Bourquin».

No «écran» exibe-se o «film» comico português «Tinoco em bolandas», excelente produção da «Film Invicta».

EVOCANDO O 9 DE ABRIL

Portugal

Patria de Herois

O exercito português

na batalha de La Lys

Ao heroico Batalhão de Infantaria n.º 23, que fez parte da 47.ª Divisão Britânica na Ofensiva Geral dos Aliados, em Outubro de 1918, sob o comando do destemido tenente coronel sr. Helder Ribeiro.

Portugal ha de ser sempre Portugal emquanto não morrer o ultimo Português!

Albano Negrão

Nove de Abril heroico e solene, eu te saúdo! Vão já seis anos sôbre aquele dia em que o meu coração de português sofreu a suprema dôr humana vendo a nossa bandeira verde-rubra espesinhada, trucidada e escarnecida pelo odio inimigo, mas tambem o dia de maior orgulho para o meu coração de combatente pela maneira valorosa como esse punhado de soldados Lusitanos soube encarar o inimigo e ser heroico na derrota, sublime no martirio e grande no Calvario.

Ha na nossa Historia-Patria paginas de ouro, onde a coragem e valentia portuguesa se revela em factos de assombrosa bravura e andacia, mas nenhum na sua tocante singeleza, que mais nos fale á alma e ao nosso patriotismo, do que o estoico sangue frio, a augusta serenidade com que o nosso exercito, tão minguadamente representado nessa gloriosissima batalha de La Lys, se imolou para honrar a Patria, nesse rincão do mundo, tão afastado de nós mas onde se jogava o nosso futuro, quiçá, autonomia, ganha na derrota, em caudais de sangue e em golfadas de amargura.

Nove de Abril! Nove de Abril! Já és hoje sinonimo de bravura e de morte! Quanta mocidade ardente, quanto coração sonhador, tu deixaste em terras de França!

Recuar não é fugir! Recuar é dizer ao inimigo:—Vou-me embora mas não é porque te tema ou me atemorise a tua bravura! Tu não és mais bravo do que eu! Vou-me embora mas não fujo! Encaro-te estoico e com desassombro... vou-me embora, porque esta bandeira que tremula sobre as nossas cabeças, como bençãos das nossas mães e beijos dos nossos filhos, tecida com as lagrimas e o amor das nossas mulheres e que representa o nosso Portugal, esse Portugal que a espera intacta e orgulhosa como a confiou á nossa guarda.

Fica-te! Nós vamos mais orgulhosos com a derrota, do que tu com a victoria...

Já sabes agora como recúa o soldado português!

* * *

E' um dever nosso e uma gratidão recordar os pobres que ficaram em Africa dormindo o seu ultimo sono em aridos desertos onde nem o perfume duma rosa irá hoje recordar-lhe o seu martirio e dizer-lhes que a Patria os recorda!

Corações aguerridos que em inhospitas regiões d'Africa, longe, oh, tão longe! de todos os vossos, deram á Patria querida, o melhor do seu esforço, da sua alma, do seu coração, o seu sangue e a sua vida... eu vos bemdigo! e áqueles que voltaram eu vos saúdo!

Não posso esquecer neste comovente dia, de recordações indeleveis, as lagrimas bemditas das martirisadas mães e das pobres esposas que hoje sentirão o coração mais oprimido, mais dolorido e a saudade mais viva, mais mortificante e mais renitente por esses seus entes queridos que dormem o seu derradeiro sono nos campos da Flandres ou Africa e cujas cinzas se evaporarão hoje em mais subtil acrisolado amor pela sua Patria e mais eternecida saudade pelos seus!

Oh, França de bemdita tradição, irmã dilecta da minha Patria, vai hoje derramar sobre as campas dos meus irmãos aí mortos, as tuas lagrimas de reconhecimento; vai esfolhar em piedosa romagem sobre os seus corpos mutilados as mais lindas e vicejantes flores do teu solo, esse solo que ele defendeu palmo a palmo com o seu corpo... esse solo pelo qual ele deixou a sua vida... Sim, vae! e não esqueças aquela pobre mocidade tão cedo desaparecida, por amor de ti e da Patria distante!

Oh, dia horrivel de chacina e devastação... ao rugir dos canhões vomitando metralha, ceifando vidas e mutilando corpos, juntava-se o grito angustioso dos que fugiram, os queixumes dos feridos e o estrector dos que agonisavam! Como se pode conceber que o meu cerebro não estalasse e a razão me não fugisse! Como conceber que sobre essas planicies onde se desencadearam as mais horriveis batalhas—como essa que hoje evocamos!—possam reflorir flôres, reverdecerem esperanças!

Ah, o contrasenso do Destino, o paradoxo da Vida!

* * *

Portugal, país de sonho e de saudade, tens em teu seio os restos mortaes dum filho, que soube morrer pela Patria, que em pequenino já voz carinhosa lhe ensinára a conhecer os canticos da vitoria e altos feitos dos seus antepassados que, numas caravelas, percorreram *mares nunca d'antes navegados*, ao som cavernoso e arripiante das ondas do Oceano, não se poupando a perigos e fadigas, para honrarem este cantinho luminoso, rincão do Mundo, sublime pela sua historia, imenso pelos seus louros, enorme pelas suas vitorias! Terra de poetas, terra de amores, presta homenagem grandiosa e magnificente a esse coração de heroe, ás cinzas obscuras desse soldado que nas florestas da Flandres, ao som estrondante dos canhões, que oscilou a terra, derramou o sangue em prol da Liberdade!

Mães de Portugal, que num dia de lindo arrebol, no cais da partida, abraçaram, num derradeiro adeus, seus estremecidos filhos que iam derramar o seu sangue, sangue sacrosanto, em terra estrangeira; mães, pobres mães, corações esfacelados, almas retalhadas pela maior tortura humana, corajosas mães de Portugal, que á honra da vossa Patria, á Liberdade, ao altruismo, ao sublime Ideal da Redenção da vossa terra, sacrificais o sangue do vosso sangue, a carne da vossa carne.

Mulheres da raça portuguesa, heroinas obscuras, Filipas de Vilhena, que viste os vossos filhos arrancados dos vossos braços, esses filhos que amamentaste e criaste com extremos de amor, estoicas mães portuguesas, que á semelhança das vossas avós da Idade-Media, em dias de viridente aragem, ás vezes suave como o vosso pranto, em outras de brisas agrestes como a vossa dôr... Oh martires e santas que em rubros crepusculos ou ensanguentadas madrugadas beijaste as faces lividas dos vossos filhos, frutos de grandes amores, palidas sombras de inconcebiveis amarguras... Lembrai-vos hoje do momento soleno em que os clarins entoavam o hino da Patria, mostrando-vos que era chegada a hora da partida e dizendo-vos que desseis o ultimo beijo aos vossos filhos!

Mães Portuguesas, que em inhospitas terras estrangeiras, deixastes vossos filhos depois de dantescas torturas, de crisol sofrimento, uni os vossos corações, o vosso pranto, a vossa saudade e ide todas de passos vacites levar o culto das vossas orações transmudadas em flôres, ao historico Mosteiro da Batalha onde estão dormindo esses martires do Dever, sob o docel da vossa veneração e das vossas rezas.

* * *

Relembrar os mortos é uma oração; saudar os vivos é um dever!

Encontram-se hoje corações que, como o meu, sofreram inenarraveis angustias, corpos que foram golpeados, olhos que estiveram cegos... a eles me dirijo—Unamo-nos, estreitemos o nosso esforço e a nossa coragem e honremos a bandeira da nossa terra.

Se os nossos irmãos mortos nasceram dum beijo de amor e por um beijo da Patria morreram, nós vivamos para essa mesma Patria que eles souberam honrar e leguemos com honra a nossos filhos esta bandeira que é o simbolo da Patria e do «Padrão do Ideal Português».

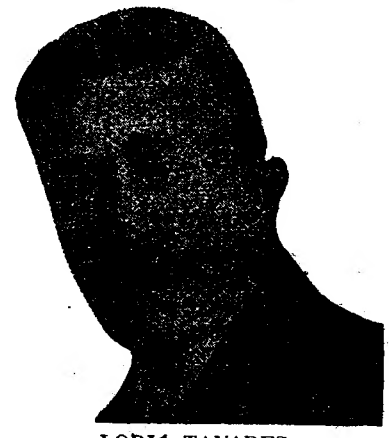
Lisboa, 9 de Abril de 1924.

Albano Ricardo Pereira Negrão

Pelos teatros

Lorjó Tavares

Realisa-se ámanhã, no Nacional, a 15.ª representação da brilhante comedia «Ingleses...», em recita de homenagem ao seu ilustre autor Lorjó Tavares, velho e dedicado batalhador, jornalista esforçado, com uma vida de labuta e de canceiras que serve de espelho aos modernos



LORJÓ TAVARES

grilhetas da Imprensa. Por todos os motivos, mas principalmente porque o autor dos «Ingleses...» é um escritor brilhante, perene de mocidade e de frescura, tendo produzido mais uma obra notavel, a todos os titulos, a festa de ámanhã no Nacional deve comportar todos os seus amigos e admiradores, que são, afinal, toda a gente criteriosa e inteligente desta terra.

Companhia Velasco

Seguiu hoje no «rapido» para Madrid o empresario José Loureiro, que vai á capital espanhola propositadamente para tratar de assuntos que se prendem com a vinda a Lisboa, ao teatro da Trindade, da celebre Companhia Espanhola de Revistas-Féries Velasco. Ámanhã termina a perferencia para os assinantes das companhias Aura Abranches e Robinne Alexandre levantarem os seus bilhetes, começando na sexta-feira a preferencia para os que assinaram isoladamente para qualquer destas duas companhias.

Atrás do reposteiro

A inauguração, no teatro da Trindade, da Companhia de Comedia organizada pelo empresario José Loureiro, far-se-ha com uma peça da autoria dos brilhantes escritores humoristicos Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

—Está assente que o proximo verão no Politeama será explorado por uma Companhia dirigida pelo artista sr. Augusto Pina, que tem já o seu elenco organizado.

—Conforme já dissemos, o actor Alexandre de Azevedo deve regressar a Lisboa, no final do mês de Outubro, desligando-se da Companhia Aura Abranches.

—A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho representa esta semana, no Aguia de Ouro, a peça de Dario Nicodemi, «A Inimiga».

—Os artistas-empresarios Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro receberam convite para ir, este verão, ao Brasil, por parte do empresario José Loureiro. A despeito dos seus esforços, não lhes foi possivel aceitar este honroso convite, em virtude das exigencias feitas por alguns dos seus escriturados, incomportaveis no momento actual.

—Pediu a sua demissão de secretario geral da A. C. T. T. o actor Carlos Leal, que ficou sendo apenas simples socio daquela colectividade.

—A companhia Satanela-Amarante estreia-se no dia 2 de maio, no Sá da Bandeira, do Porto, com a opereta «Miss Diabo», da autoria dos escritores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

—Consta que o Eden Teatro vai ser arrendado á empreza proprietaria, directamente, pelos emprezarios Oscar Ribeiro e Alberto Barbosa, que por esse motivo se encontram em Lisboa.

—O actor Henrique Alves, com a gentil cooperação do antigo actor Alfredo Santos, secretario da Empreza Ramos, Limitada, e do emprezario Armando de Vasconcelos, vai realisar, no mez de maio, a sua festa artistica no teatro de S. Luiz.

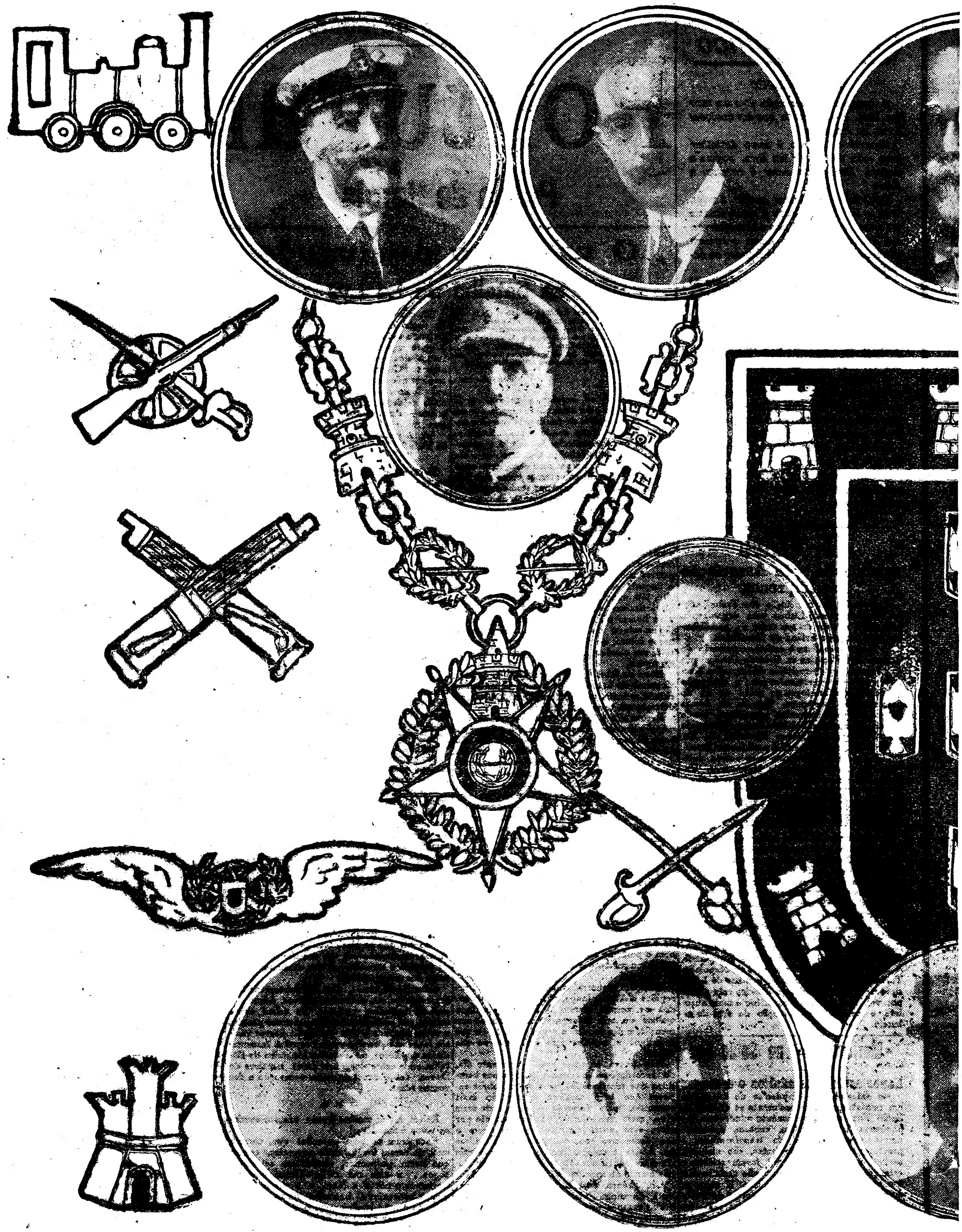
—Nos espectaculos de hoje e de amanhã, no Coliseu dos Recreios, executa-se um sensacional programa, a que não falta a engraçadissima pantomima «A feira de Sevilha», com a tourada á espanhola, em que é lidado um autentico, puro e bravissimo novilho.

No Coliseu dos Recreios

Os ultimos espetaculos—A tourada á espanhola

Continua em pleno sucesso, no Coliseu dos Recreios, a grande companhia de circo e nomeadamente a engraçadissima pantomima «A Feira de Sevilha» que, com os seus bailados e cantos flamengos, os seus episodios caracteristicos e a sua tourada á espanhola em que é lidado um autentico, puro e bravissimo novilho, está despertando a atenção do publico que todas as noites dali retira satisfeitissimo.

Como a companhia se despede impreterivelmente, no proximo domingo, todos devem aproveitar estes dias para ver o espectaculo mais animado e mais gracioso da atualidade.

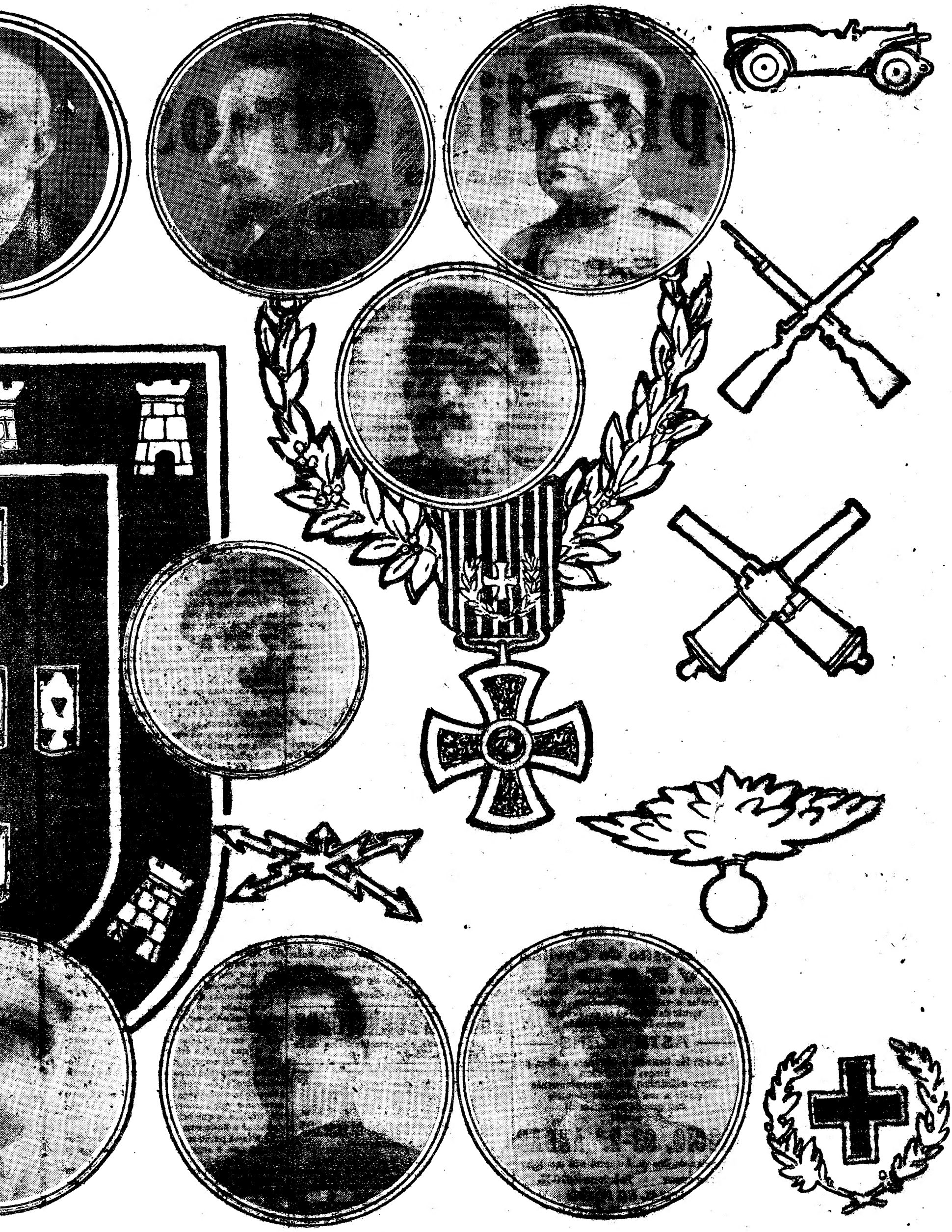


1.º PLANO

Leote do Rego, Augusto Soares, Bernardino Machado, Afonso Costa, Norton de Matos

2.º PLANO

General Gomes da Costa e general Tamagnini de Abreu



3.º PLANO

coronel Maridel Ferreira e tenente-coronel Ferreira do Amaral

4.º PLANO

Major Vale de Andrade, tenente-coronel Ribeiro de Carvalho, major Amorim Claro, coronel Xavier Barbosa da Costa, Bento Roma

SCENAS DA GUERRA

Um episodio curioso

PASSADO

nas primeiras linhas

do Corpo Expedicionario Português

Ao rebentar a guerra, em agosto de 1914, não supondo nos primeiros dias, como quasi ninguem, que Portugal viria a entrar na contenda, ao saber a França invadida, o meu sangue, meio francês, alvoroçou-se e imediatamente me ofereci ao ministro da França em Portugal para me alistar no exercito francês.

Na resposta, muito amavel, dizia-me não estar autorisado a aceitar tal oferecimento.

A uma segunda carta, respondeu-me que só em França aceitariam os meus serviços.

Já então Portugal declarara estar inteiramente ao lado do seu aliado secular, e, então, com muito maior prazer, via a possibilidade de marchar com tropas portuguesas, com a *nossa gente*, a que eu me habituara no norte, na campanha do *espera-galego*, e em Africa, onde estivera perto de dois anos.

Sendo oficial instrutor da Escola de Equitação, ofereci-me para marchar com qualquer força daquela Escola que sèguisse para França.

Falando-se em mandar uma divisão para ali, ofereci-me para marchar com as primeiras tropas que seguissem.

Constando que já não iriam tropas para França e dado o desastre de Naulila, ofereci-me, com Torres, Maia e Alfredo Guimarães, para irmos num esquadrão de cavalaria 3 para Angola.

Seguiu-se o golpe de espadas e o 14 de maio.

Neste intervalo escrevi a João Chagas, pensando em me alistar na Legião Estrangeira, tal era a minha mania de ir para a guerra.

Como estava oferecido, fui nomeado para a Divisão de Instrução em Tancos e algum tempo depois para embarcar para França com um esquadrão de cavalaria 2.

Pois bem! Este furioso da guerra, este intervencionista «enragé», foi preso por espião num posto de 1.ª linha!!

* * *

Uma vez em França, infelizmente, a cavalaria pouço podia fazer, fui nomeado, algum tempo depois, instrutor da Escola de Gazes Asfixiantes.

Quasi todos os oficiais foram directamente ensinados por mim na defesa contra os gazes, grande parte das tropas tiveram a sua instrução debaixo da minha direcção, nunca se tendo dado um unico acidente durante a minha estada na Escola.

Valeu-me esse trabalho um louvor, mas aquele lugar não me sorria.

A minha saude, porque eu me expuzesse constantemente a respirar gazes deleterios, começava a abalar-se e, desejoso por lugar menos ingrato, deixei a Escola com a minha tenção formada de ir para oficial de «raids», ou para a Aviação.

Assim, escrevi ao general Gomes da Costa uma carta, em que lhe pedia para me levar para a sua divisão, como oficial de «raids».

A resposta daquele valente general e meu amigo foi que não poderia fazer isso, pois que esse serviço devia correr por todos os oficiais de infantaria.

Pedi então, desejo já antigo, para ingressar-na Aviação.

Neste espaço de tempo, a cavalaria fornecera um contingente com metralhadoras para as trincheiras.

O comandante do esquadrão, capitão Alvaro Pope, seguira com as metralhadoras, pertencendo-me a mim, por ser cerra-fila do esquadrão, ficar com a cavalaria em Saint Quentin.

Foi durante este periodo que se deu o episodio interessante que vou contar, começando por explicar como estava nas trincheiras nessa ocasião.

Não me sofrendo o animo que os meus camaradas estivessem expostos a perigos de que eu não partilhasse, costumava ás vezes, acabado o serviço e sem autorização, porque m'a negariam se a pedisse, montar no meu cavalo, e, depois de boa galopada, apear-me no acampamento das metralhadoras e passar a noite com eles nas trincheiras.

Passava-se a noite entretido com aquele espectaculo unico, que só pode avaliar quem presenciou.

Na primeira noite que ali passei, por exemplo, comandava o posto o alferes Azinhaes Mendes.

Estavam ainda as metralhadoras na 2.ª linha.

Alta noite um subalterno de infantaria passa com os seus quatros homens e diz que vai fazer uma patrulha na Terra de Ninguem.

Desejoso de passar por tudo, pedi-lhe que me deixasse acompanhá-lo.

Seguimos para a 1.ª linha e ali estive algum tempo conversando em monossilabos com um oficial inglês que estava no nosso flaco direito.

Ambos estivemos debruçados no parapeito, presumindo aos valentes, fingindo não ouvir as balas que passavam perto.

Em breve a patrulha saltava o parapeito e entravamos no esburacado terreno a que os nossos chamavam, por brincadeira, Avenida Afonso Costa.

Passados os arames farpados, descendo e subindo covas, aproximavamo-nos das trincheiras alemãs.

Os «very-ligts» constantes, alguns de «para-quedas», obrigavam-nos a estacar na posição em que estavamos, sem que nos devessemos mexer enquanto se não extinguiam.

As metralhadoras, num estalar continuo, varriam o terreno á altura dos parapeitos, deixando-nos apenas o espaço suficiente para que caminhassem curvados.

Instalados numa cova, eu e dois soldados, estando noutra o alferes e os restantes homens, aguardavamos, da espera, que alguma patrulha alemã se apresentasse tambem, para, qual caçada a panteras, a surpreendermos.

Tinha na mão, como unica arma, a pequena «Savage» e metido na cintura um sabre-baioneta bem afiado.

Assim estivemos bastante tempo, de ouvido á escuta, respiração contida, até que a hora obrigou o comandante da patrulha a voltar, depois de termos passado parte da noite a poucos metros dos arames inimigos.

O resto do tempo foi passado de conversa com os companheiros e de manhã, tornando a montar, marchava para o meu serviço.

Assim seguiram as minhas excursões desportivas, até que um dia as metralhadoras da cavalaria passaram para a 1.ª linha e eu fui nessa tarde mais uma vez passar a noite na trincheira.

O espetaculo era de tal fórma grandioso, diferente de tudo mais que se possa ver, que eu sentia-me arrastado para ali.

Ainda se dava o facto de eu ver que os meus camaradas, simples e jovens alferes inexperientes, estimariam ver-me junto deles e isso mais me resolvia a correr para perto daqueles, que, pertencendo ao meu esquadrão, estavam em situação mais arriscada.

Na vespera houvera naquele posto da 1.ª linha um assalto alemão, tendo surpreendido a sua guarnição que tinha sido empalmada, não se sabendo se o seu comandante fôra vivo ou morto.

O abrigo estava meio desfeito, granadas de mão haviam sido arremeçadas para dentro dele, tendo ferido certamente o comandante.

Desejoso, qual Sherlok Holmes, de saber pelos vestigios a verdade do acontecimento, dum mergulho desci para o fosso e, seguindo um caminho feito no terreno, encontrei espalhados: pensos, fosforos e maços de cigarros portugueses, que evidentemente pertenciam aos prisioneiros que haviam levado. Mais adiante um lenço ensanguentado e por ali fora eu ia muito satisfeito, quando uma rajada de metralhadora me advertiu de que havia sido visto e, como ainda era dia, voltei para traz.

Quando veio a noite, voltei com o alferes Granate ao «terreno de ninguem». Como fizessemos mais barulho do que deviamos, recebemos tambem uma rajada por cima das cabeças.

Passámos a noite entretidos, ora fazendo fogo com as metralhadoras, ora lançando granadas de mão quando se sentia gente perto dos arames.

E' nesta altura que se dá o caso engraçado da minha prisão como espião alemão!

Altas horas da noite, no posto á nossa direita, a uns 800 metros, ha grande tiroteio e rebentamento de granadas.

Curioso por saber o que teria aido, resolvi ir pela «passerelle» fóra até lá, indagar do que se passara.

A primeira linha havia sido trincheira em tempo, porém, os sucessivos bombardeamentos e o seu abandono nos intervalos entre os postos, fazia que essa trincheira, em quasi todo o seu percurso, estivesse destruida.

Segui, conforme pude e a luz dos «very-ligts» me permitia, até ao posto visinho.

Levava desta vez uma pistola-carabina Mauser, arma alemã, que eu adquirira em Africa, e duas granadas de mão nas algibeiras.

Ao aproximar-me da primeira sentinela e ao ser interrogado, disse o santo e a senha em voz baixa e passei.

A segunda sentinela, porém, já se não conformou tão facilmente e perguntou-me:

— «Que faz o senhor por aqui! Donde vem você? Venha cá ao comandante».

Levou-me junto do comandante do posto, um alferes, que, um tanto desconfiado, me interrogou.

Disse-lhe o nome, donde vinha e que viera ali para saber o que tinha sido o tiroteio que ouvira do posto da 1.ª linha, onde estavam as metralhadoras da cavalaria...

Imediatamente dois ou três soldados acudiram:

— «O' meu alferes, não é verdade, as metralhadoras da cavalaria estão na 2.ª linha!»

Os soldados daquele posto não sabiam ainda que as «Maxims» haviam passado naquele dia para a frente.

Entrei com o alferes, de gatas, num pequeno abrigo, onde se acendeu uma vela, e mostrei o meu bilhete de identidade.

Porem ainda nas vesperas haviam surpreendido um alemão fardado de oficial português e eu, surgindo daquele lado, áquela hora, com uma pistola Mauser na mão, provocara suspeitas em todos.

Propoz me o alferes que fosse apresentar-me no comando do batalhão, ao que respondi que de lá tinha vindo de dia, que era muito longe e que o meu desejo era passar a noite na trincheira e não voltar para traz. O que ele podia porém fazer, era mandar o sargento e alguns soldados atraz de mim até ao posto donde eu tinha vindo, e, ao chegarem lá, logo se certificariam de que eu havia vindo dali.

Um soldado disse qualquer segredo ao ouvido do alferes e este respondeu me que isso não podia fazer, resolvendo que eu ficasse ali com ele e que uma patrulha de sargento seguisse ao posto visinho a saber quem eu era.

Entretanto pedia-me esclarecimentos, ao que eu respondia, achando graça ao caso, tão certo estava de que, com os meus dados, o alferes se certificaria de que estava falando com um oficial português.

Porém, ao dizer-lhe que tinha vindo a cavalo, em tantos minutos, de St. Quentin, um soldado salta de lá e diz:

— «Não pode ser, meu alferes; ainda *oitro* dia nós *viermos* de lá em camião e *levarmos* hora e meia!»

Estava apanhado!

Era um espião, pela certa!

A soldadesca já se permitia levantar um certo borborinho e rodeava-nos.

Pensei filosoficamente na situação do individuo, filho de francesa, neto de português e de inglesa por parte de seu pai, no partidario ferrenho da intervenção de Portugal na guerra, no aliadofilo por convicção e por sangue, que era preso na trincheira da primeira linha por espião!

Contrasensos da vida!

Felizmente que encarava aquele episodio pelo ridiculo do curioso que fôra sósinho pela «passerelle» fóra, dum posto de primeira linha a outro, porque este havia sido assaltado, e que no fim era agarrado como espião!

Daí a algum tempo, porém, voltava a patrulha, acompanhada pelo alferes de infantaria comandante do posto de onde eu viera, que achando tambem graça ao caso, explicou ao meu *carcereiro* que realmente eu viera, por se ouvir tiroteio e que estava no posto dele a fim depassar a noite com eles na trincheira.

O alferes pediu-me muitas desculpas e contou-me que o segredo do soldado tinha sido este:

— «Deixe-o ir, meu alferes, que ali adiante damos-lhe um tiro na cabeça. Ele é um espião, pela certa.»

No fim de tudo, ainda devo a minha vida ao sensato alferes de infantaria, comandante do posto.

As minhas excursões desportivas ás trincheiras terminaram com a ida para as escolas de aviação.

Ribeiro da Fonseca
Capitão aviador

VISITEM
o Deposito da Covilhã
VENDE
Fazendas de lã para: fatos, sobretudos, abafos e vestidos de senhora, directamente da **fabrica** ao publico por menos **30 a 40 por cento**
— ASTRAKANS —
Lãs em fio branco e côr para malhas, por preços da **fabrica**
Tem alfaiates para exclusivamente servir a sua numerosa clientela com grande economia de preços
ROCIO, 93-2.º ANDAR
(esquina da Rua do Amparo) não tem lojas
Ascensor Telefone 4670-N.
FILIAL NO PORTO
Rua de Santa Catarina, 299

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º
TELEF. C. 1196

Alfaiate Seabra
FATOS prontos a vestir por 250$00, belas fazendas, bons forros, bem acabados e muito elegantes. **Rua Campo de Ourique, 134, 1.º**, carro á porta (Estrela-Santos).

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo	Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior	Clinica geral e doenças das crianças — 12 h.
Dr. Camossa Saldanha	Rins e vias urinarias — 10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu	Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato	Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira	Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette	Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini	Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2 h.
Dr. Zeferino Falcão	Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco	Raios X.

POESIAS

Portugal

POR

João M. Loureiro

ora, as tuas naus, em aventura,
n ditando leis á Natureza,
e o mar de coral de Singapura,
á linda terra japonesa.

poz no teu peito uma armadura,
ante e imperecivel de grandeza,
qual, não foi misterio a noite escura,
nca fez temor a incerteza.

mandar as regiões ignotas,
iste os mares em tantas mil derrotas,
a, voando altiva, onipotente!

d'Heroi! Foste jámais vencida.
e ao teu peito a antiga fé perdida,
hão-de louros coroarte, eternamente.

João Maria Loureiro

Hampadario de Heroi

ele templo estranho de beleza
de talvez a alma de D. João,
rroubos d'amor, de devoção,
asse mais triunfo e mais grandeza...)

usa o Heroi da Raça Portuguesa.
e-lhe uma candeia de brandão.
ndeia, Luz de Portugal que reza
a profunda e santa inspiração.

na da Patria! Chama omnipotente!
s—ó Chama a arder perpetuamente—
az, na dôr, um fúlgido Sinai...

ue has de arder, qual astro esplendoroso,
uanto houver um coração piedoso
ultima oliveira em Portugal!

Zuzarte de Mendonça (Filho)

9 de Abril

es campos da Flandres, a bandeira
quinas—Santa herança do Passado—
nula num sector, mais isolado,
gente descuidosa, mas certeira.

alha-o essa móle, assaz guerreira
petrecho e seu numero elevado,
alta-o, quando o vê desajudado,
ndo presa e luto na trincheira.

rdae, com fervoroso acatamento,
tos de silencio em sentimento
mortos que, bem viva, a Dôr pranteia.

saudade esta ideia se anteponha!
a vitorias que são uma vergonha,
derrotas que dão uma epopeia.

Almeida Saraiva

A HISTORIA DO "Zé das Fragoas,,

por Menezes Ferreira

A' memoria do soldado Zé Luis, o mais humilde e o mais bravo de todos.

I

Filho e neto de zagalo,
Alma virgem d'amarguras,
O pastor de que vos falo
Nado e criado em alturas,
Deixou lêdo a sua aldeia,
O surrão mail'o cajado,
P'ra partir como soldado,
Heroe da Grande Epopeia.

II

Chove metralha. O incendio
Alastra na França inteira
A Alemanha — o vilipendio —
Encontra seria barreira
No peito forte e leal
Deste modesto soldado
Da côr da bruma fardado,
Da bruma de Portugal.

III

E' vê-lo como resiste
No posto de sentinela:
—Não ha soldado mais triste
Nem atitude mais bela —

Tragedia que mal se lê
Nos olhos d'este soldado
Que se bate resignado
Sem saber como e porquê!

IV

Ora sucede que um dia
O boche, que sempre as tece,
Determina a calmaria
E um pano branco aparece
Sobre as linhas inimigas:
Baixo ardil propositado,
Para excitar o soldado
Não lhe poupando as fadigas.

V

Zé das Fragoas, vendo o pano,
Irritou-se desta sorte
Fez logo o projecto insano
De gracejar com a morte,
Indo sósinho arrancá-lo
Num gesto desempenado
Gesto altivo de soldado
Que é tambem de bom zagalo

VI

Se o pensou, melhor o fez,
E em toda a simplicidade
Indiferente ao revez
Reprimindo uma anciedade
Em pleno dia — que tem? —
Sattando o arame farpado,
Eis o meu pobre soldado
Já na Terra de Ninguem!

VII

Além, em veloz carreira,
Aqui, no chão como um sapo
Já vae perto da trincheira
Onde tremula o farrapo,
E prestes senhor da preza
Vê seu feito realizado
—O que não pode um soldado
Só Deus o faz com certeza.

VIII

De repente é descoberto
Senhor Deus! Nossa Senhora!
As granadas caem perto
Crepita a metralhadora...

D'um salto, toma a bandeira
Mas cae logo atravessado
—Triste vida a do soldado
Que chega ao fim da carreira!—

IX

Já se levanta e já volta
Retalhado em pleno peito:
Alma de heroe que se solta
E regressa ao parapeito
Sempre a agitar o trofeu,
Saltando o arame farpado
O meu valente soldado
Nas nossas linhas morreu.

X

Neste doce val de magoas
Que se chama Portugal,
O caso do Zé das Fragoas
Não é mais do que afinal,
A linda historia que encerra
O destino de um soldado
Que morreu crucificado
Nos braços da Cruz de Guerra.

O canhão

POR

Zulmira Falcarreira

Desolação! Na areia que palpita
Um enorme canhão jaz enterrado.
Quem foi o artilheiro, o bom soldado
Que de o perder assim teve a desdita?

Do fogo boche, ao longe, ainda crepita
O medonho clarão envenenado:
Um pelotão francês foi dizimado
— Dia de maldição! Hora maldita!

Do inimigo um obus levára um braço
Ao heroi que a morrer, de olhar já baço,
Encravou a peça—Não o faz qualquer!—

Mas deixou lá seu coração escondido...
E no areal, do canhão parte um rugido,
Como o de enorme busio inda a gemer.

Bem o reconheci

Heroico português desconhecido,
Que longe da sua Patria linda e cara
— Patria que a nenhuma outra se compara—
Morreu sem desprender um só gemido;

Forte no seu dever, e embevecido
Na firme fé de uma vitoria rara,
Ri para a morte horrenda que o encara
Ce uma imortal couraça revestido!

Quem o não conheceu sofrendo tudo,
Estoico, altivo, sorridente e mudo,
A quem mêdo o perigo nunca fez?

Ele combate e morre; mas não foge.
Foi, desde Afonso Henriques até hoje,
Sempre assim o soldado português.

Zulmira Falcarreira

Soldado desconhecido

Silencio, pois! Apenas um instante!
Está de joelhos Portugal agora
E com Ele tambem, estonteante,
A Raça que venceu Ourique outr'ora.

E' na Batalha, aonde a voz vibrante
Dos nossos Grandes se ouve a toda a hora,
Que é invocado o nome edificante
Do Soldado que a Patria tanto adora!

Morreu, obscuro, o indomito Soldado,
Batendo-se afinal como um valente
Neste dia bemdito e recordado!

.....

—Silencio! Um só momento d'oração!
Que este heroi é dos de Trancoso irmão,
Que resurgiu na França novamente.

Ruy Galvão de Carvalho

TEATRO AVENIDA
Tel. N. 4356 HOJE, ás 21,15
.ª represent. da comedia burlesca, em 3 actos
O PARLAPATÃO
original de Eduardo Schwalbach
Grande exito da
COMPANHIA CREMILDA-CHABY no Brasil
e, recentemente, no Porto, no Aguia de Ouro

=POLITEAMA=
Empresa LUIZ PEREIRA Tel. 3028-N.
COMP.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE — Ás 21,30 Espectaculo sensacional
A engraçadissima comedia
Greve Geral
O teatro mais barato de Lisboa

Teatro S. Luís
Domingo, 13, ás 3 horas da tarde
ULTIMO RECITAL do grande pianista
VIANNA DA MOTTA
«Programa sensacional com «3 primeiras audições» de Brahms, Rudolf Granz (compositor suisso), e Paderewski, completando obras de Chopin, Schubert, Stcherbatchett e Liszt
Bilhetes á venda

APOLO Telef. N. 4129
HOJE: — Recita em homenagem aos heroicos combatentes da «Grande Guerra» — Sensacional apoteose — Versos recitados por Otelo de Carv.
75.ª da incomparavel revista
FRUTO PROIBIDO
ampliada com o QUADRO NOVO
«SALON» BELAS ARTES

TEATRO da TRINDADE
Telefone C-876 Hoje ás 21 horas
COMP.ª SATANELA-AMARANTE
de que faz parte Nascimento Fernandes
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
da celebre e consagrada opereta
O POÇO DO BISPO

TEATRO SÃO LUIZ
Empresa A. RAMOS, L.ª
Continua hoje, da 1 ás 5, a assinatura livre para as 6 unicas recitas, todas com peças diferentes da
COMPANHIA FRANCEZA
de que fazem parte a grande actriz JEANNE PROVOST, e os celebres actores GEORGES MAULOY e MAURICE LAGRENEE e varios artistas dos teatros de Paris Estreia a 23

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE Recita da Moda
A espirituosa comedia de Lorjó Tavares
INGLESES...
A abrir: O episodio de Carlos Alberto Ferreira
Irmã Cruz de Guerra

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — ás 9 horas da noite — HOJE
AS ANDORINHAS
O mais extraordinario
exito da actualidade
Auzenda de Oliveira na *Maria da Craça*

MOSTEIRO DA BATALHA

POSTAES
FOTOGRAVURAS
FOTOGRAFIAS

A mais completa colecção de fotografias, tiradas interna e externamente, com autorização especial do Estado

PEDIDOS A

FOTOGRAFIA ARTISTICA, L.DA

LEIRIA

Companhia Portuguesa de Fosforos

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 11.999.970$00

Séde: — Rua de S. Julião, 139

LISBOA

São avisados os Srs. Accionistas desta Companhia de que lhes é concedido o uso de preferencia na Emissão de 50.000 Acções de lb. 1, á razão de Esc. 100$00 cada Acção da THE MATCH AND TOBACCO TIMBER SUPPLY, C.º, **na proporção de uma Acção da nova Companhia por cada grupo de quatorze Acções da Companhia Portuguesa de Fosforos.**

Os Srs. Accionistas que desejarem subscrever deverão apresentar os seus Titulos na séde da Companhia desde 7 a 12 do corrente, das 14 ás 16 horas, acompanhados da competente declaração em impresso fornecido no nosso escritorio.

Os Titulos apresentados serão carimbados e em seguida restituidos, contra o pagamento correspondente ás Acções que subscreverem

Lisboa, 2 de Abril de 1924.

Companhia Portuguesa de Fosforos.

Os Administradores

(a) *D. Luiz de Lencastre*

(a) *Hugo O'Neill*

EDUARDO DE AGUILAR

Cantigas á Bandurra

Edição luxuosa — Primorosos desenhos de *Alfredo de Morais* — Um volume encantador 7$00. Para despesas de correio mais 900.

A' venda em todas as principais livrarias

Depositario geral: LIVRARIA IBERIA — R. Nova do Carmo, 43 — LISBOA

RESTAURANT FRANCO-ITALIEN-SUISSO

(ANTIGO CAFÉ SUISSO)

LARGO DE CAMOES, 10

Ponto de reunião da sociedade elegante — A melhor cosinha internacional de Lisboa — Todos os dias almoços das 12 ás 15 — Serviço rapido e especial

PRATOS DO DIA

Especialidade, Hors d'œuvres, 4$00 á vontade

CADA PRATO 7$00

2.ª feira — Crabonade Flamand, Irish Stew
3.ª feira — Tripes mode de Cain, bœuf portuguaise
4.ª feira — Polpettine Lombarda, Pigeon pie
5.ª feira — Pocero Valencienne, Cassoulet toulousieinne
6.ª feira — Morue portugueise 5$00, Bouillabaise Marsellaise, Steack Kidney-Pey
Sabado — Moussacka Moldave, Stracotte aux gnocchi
Domingo — Ravioli bolognеise, Gigot à l'anglaise, Poulet cocotte

JANTARES DE GALA AO DOMINGO A 17$00

A ACTIVA

R. 24 DE JULHO, 8 —— Telef. C. 1601 e 3474

CONSTRUÇÕES CIVIS — **CARPINTARIA CIVIL E NAVAL**

Se apreciaes a saude da vossa bocca, se quereis branquear os dentes e conserval-os sãos, usae os

Dentifricios

"Pompadour"

(Agua, pó e pasta)

Os dentifricios «Pompadour», são productos hygienicos de imprescindivel necessidade, de pureza absoluta como o attesta a sua côr branca e de efficacia e effeitos antisepticos comprovados.

Thomaz Mendonça, Filhos, Limitada

43, Calçada do Combro, 47

LISBOA — Telef. C. 105

PAPEIS PINTADOS

As mais ricas novidades: francesas, inglesas, belgas, alemãs e nacionais

A CASA QUE VENDE MAIS, E MAIS BARATO

MIGUEL DOS SANTOS, L.DA

Mobilias e tapeçarias em todos os generos

102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104

TELEFONE C. 603

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13.500:000$

SEDE EM LISBOA

RUA DO COMERCIO, 148

(Vulgo CAPELLISTAS)

Caixa Filial no Porto

Agencias em todas as capitaes dos distritos administrativos do Continente e ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã e Guimarães, na Figueira da Foz e em Setubal.

Correspondentes nas principaes terras do paiz. Correspondentes nas Praças principaes da Europa e do Brasil.

OPERAÇÕES: Descontos, transferencias, emprestimos e creditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos.

Compra e venda de cambiaes, cartas de credito sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e de valores e todas as transacções que pela naturesa especial da sua instituição lhe são permitidas.

Reis & Sá, L.da
CAMBISTAS
Compra e venda de notas e moedas estrangeiras, titulos nacionais e estrangeiros, coupons, ordens de bolsa e lotarias
RUA DO OURO, 152 - LISBOA
Telefone 2815-C.

ESTRANGEIRO

«SALICILINO»
O MELHOR CALICIDA
CAIXA 2$00
DEPOSITO GERAL
RUA DA BETESGA, 16-1.º

DA ALEMANHA

Não

deram

resultado

as negociações

"do Micum,,

BERLIM, 9

As negociações entre os representantes dos industriais alemães e a organização Micum, entaboladas em Dusseldorff, não deram resultado algum.

Apesar de absoluta impossibilidade de suportar por muito tempo os contractos vigentes, alguns industriais declaram-se dispostos a prolonga-los por algumas semanas, se encontrarem fórma satisfatoria de os financiar.

Com estes propositos, a comissão regressou a Berlim, devendo as negociações proseguir na sexta-feira.

As autoridades francezas tomaram todas as medidas para se apoderarem das fabricas e minas.

A organização Micum pede agora 17 milhões de dolares, de imposto, sobre o carvão atrazado, em vez de 15 milhões, equivalendo a 35 pence por cada tonelada de carvão.—L.

As eleições
para a Dieta Bavara

BERLIM, 9

Os resultados definitivos das eleições para a Dieta Bavara são: 36 populares bavaros, 18 germanistas, 16 socialistas, 7 nacionalistas, 7 comunistas, 7 camponezes, 3 democratas e 2 nacionais-liberais.—(L)

As 8 horas
e os ferro-viarios

BERLIM, 9

Além do augmento de salario concedido aos ferro viarios o governo alemão consente em discutir a questão do dia de oito horas de trabalho e a readmissão dos dirigentes do movimento grevista.—(L.)

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

O GOVERNO

trabalhista

encontra grandes dificuldades

Uma greve e uma proposta de lei original

Macdonal, por muito habil que seja—e somos os primeiros a reconhecer no chefe laborista qualidades raras de inteligencia—dificilmnte conseguirá aguentar-se por muito tempo no Poder sem que tenha de pagar cara a aventura em que se meteu. Por mais que se esteja habituado a verificar que os politicos se desmentem a si proprios, renegando na pratica as doutrinas partidarias que os fizeram celebrados, ha circunstancias em que o exagero toma fóros de escandalo, e leva os propagandistas a situações irremediaveis de descredito.

Assim, como o sr. Macdonald e com o seu governo. A sua ascensão ao Poder foi, para o proletariado britanico, uma vitoria retumbante, porque foi, para a imensa legião dos trabalhadores, a esperança de que iam, afinal, ser realisados os seus sonhos de improbabilissima emancipação economica.

Mas... desde que o governo trabalhista se instalou, têm-se contado os desenganos pelo numero de tentativas; e os renitentes de ontem foram, pouco a pouco, passando, na consciencia dos que réclamam protecção, á categoria de traidores.

Agora, estavam trabalhando sete mil operarios nas obras da Exposição Imperial de Wembley, feira imensa cuja inauguração se marcára para o dia 23 do corrente mês e na qual vão gastos já, pela Inglaterra e seus dominios, a bonita soma de seis milhões de libras.

Os operarios pediram mais dois «pences» por cada hora de trabalho, com a ameaça da greve. As «Trades Union» decretaram que não se trabalhasse nas horas extraordinarias—trabalhava-se de dia e de noite—e que fossem aumentados os salarios.

Declarou-se a greve; as autoridades de Londres, tal qual como nos tempos dos governos conservadores, não acharam melhor solução para o caso do que mandar para o recinto da Exposição 500 policias a pé e outros tantos a cavalo para garantirem a liberdade do trabalho. Cinco mil operarios voltaram, de facto, ás suas obrigações, mas os restantes mantiveram-se na atitude de intransigencia em que se haviam colocado. Quizeram realisar um comicio de protesto, e... a policia correu-os com o desabrimento que lhe é peculiar. Foram queixar-se, como ultimo recurso, á Federação respectiva; a Federação foi-se queixar, por seu turno, ao ministro Tom Saw; e... feito o balanço, verificou-se que havia um «superavit» de pancadaria nos lombos dos operarios, contra um «deficit» formosissimo de dinheiro nas algibeiras dos ditos. Esta foi uma.

A outra foi que, emquanto isto se passava, o governo corria na Camara um perigo gravissimo de se ir a terra por causa de uma lembrança exquisita do sr. Wheatley, ministro da Higiene Queria o sr. Wheatley, para que o partido laborista não negasse, no Poder, as promessas da propaganda, que o parlamento lhe aprovasse uma proposta de lei chamada de «Restrição sobre os alugueis e as hipotecas». A primeira clausula do «bill» autorisava os operarios sem trabalho ou em paralisação forçada a continuarem vivendo nas casas de que são inquilinos sem pagar a renda.

Os conservadores tomaram a ideia como birncadeira; lembraram, em tom de troça, que deviam tambem ser autorisados, tambem, os sem trabalho, a ser alimentados de graça pelo padeiro, pelo merceeiro e pelo carniceiro; e... se o debate não tem sido suspenso, o sr. Macdonald e os seus colaboradores teriam ali mesmo apanhado o trambulhão decisivo.

De maneira que, fica isto: ou o governo cumpre o prometido, e arrisca-se a liquidar-se pelo ridiculo, ou não cumpre, e são os seus proprios partidarios que se encarregam de o derrubar.

NO TURQUESTÃO

Foi

tomada

aos "soviets,,

a povoação

de Forghan

RIGA, 9

Turquestão revoltou-se contra o regimen dos «sovietes».

A povoação de Forghan foi tomada pelas forças rebeldes e pela população armada.

Segundo dizem de Moscow, os correspondentes estrangeiros, 20.000 soldados de cavalaria, varias baterias de artilharia de campanha e grandes massas de tropas irregulares espalham o terror na região.

A revolta
é de oficiaes czaristas

Diz-se que a revolta é conduzida por oficiaes czaristas que tinham fugido ha três anos para as montanhas do Caucaso quando os bolchevistas se esforçavam por extermina-los.

São apoiados pela população que se opõe ao pagamento dos pesados impostos em cereaes e que está furiosa com a propaganda anti-religiosa bolchevista que não poupa nem os cristãos nem os mahometanos. O governo de Moscow está ordenando a mobilisação de grandes forças do exercito vermelho que vão ser imediatamente enviadas para o Turquestão.—(R.)

Florinda da Cunha Andrade

Faleceu, confortada com os Sacramentos da Igreja

Adelia d'Andrade Veloso Xavier da Silva, feu marido Rodolpho Xavier da Silva e filha, Maria Olinda d'Andrade Veloso e filhos, Elvira d'Andrade Veloso Batalha, seu marido João Henrique Marques Ruiz Batalha e filhos, Dorothea d'Andrade Veloso Moreau e seu marido Abel Alfredo Moreau, Antonio d'Andrade Veloso, sua mulher Maria del Rosario Lopez Veloso e filho, João d'Andrade Veloso e sua mulher Irene Gonçalves Veloso, Justino da Cunha Andrade e sua mulher, José d'Andrade e seus filhos, Joaquim José d'Andrade, sua mulher e filhos, Emilia d'Andrade Martins, seu marido e filhos, Julião d'Andrade Veloso, participam o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e madrasta e que o seu funeral se realisa no dia 10, ás 15 horas, saindo o prestito funebre da rua da Mouraria, 91, 2.º, para o cemiterio Occidental.

ÁS DAMAS ELEGANTES

Se V. Ex.ª deseja obter um bom ESPARTILHO ou uma elegante

CINTA DE MALHA ELASTICA

modelo de grande moda, dirija-se aos «ateliers» da

A «POMPADOUR», L.DA

RUA GOMES FREIRE, 163-2.º

TELEFONE 4193-NORTE

SAES "DERMOXA"

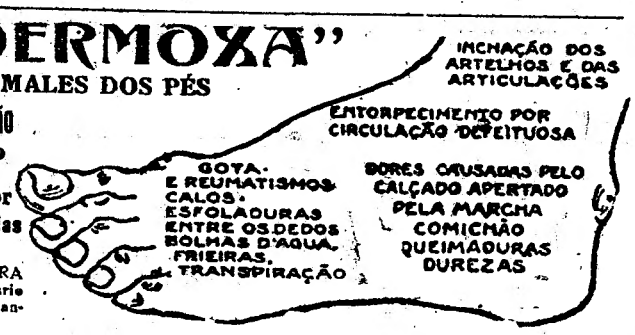
CURA TODOS OS MALES DOS PÉS

Soberanos contra a transpiração

Evitam o mau cheiro e a irritação provocada pelo calor e o suor

À venda em todas as farmacias e drogarias

CONCESSIONARIO UNICO PARA PORTUGAL E COLONIAS: Mario Brandão, Lda., Rua Eugenio dos Santos, 99—LISBOA



O "DIARIO DE LISBOA,, encontra-se á venda em Algés na casa de J. NUNES DE CARVALHO, Avenida da Republica, 13 e 15

Companhia dos Tabacos de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL ESC. 9.000.000$00

Séde:—Avenida da Liberdade, 12

LISBOA

São avisados os Srs. Acciónistas desta Companhia de que lhes é concedido o uso de preferencia na Emissão de 50.000 Acções de lb. 1, á razão de Esc. 100$00 por cada Acção, da THE MATCH AND TOBACCO TIMBER SUPPLY, C.º, **na proporção de uma Acção da nova Companhia por cada grupo de sete Acções da Companhia dos Tabacos de Portugal.**

Os Srs. Accionistas que **desejarem** subscrever deverão apresentar os seus Titulos na séde da Companhia desde 7 a 12 do corrente, das 14 ás 16 horas e na sua tesouraria do Porto, acompanhados da competente declaração em impresso fornecido no nosso escritorio.

Os Titulos apresentados serão carimbados e em seguida restituidos, contra o pagamento correspondente ás Acções que subscreverem.

Lisboa, 2 de Abril de 1924.

Pela Companhia dos Tabacos de Portugal
Os Administradores
(a) *Eduardo Burnay*
(a) *A. J. Simões de Almeida*

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS e vias urinarias, Venereologia e sifilis
R. N. da S. Domingos, 9 1.º de 15 h. Telef. 5205

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

UMA ENTREVISTA

QUAL

é a acção

do maestro Artur Fão

na regencia

da banda da Armada

Segundo informações que colhemos junto de pessoa competente, carecem de fundamento certas afirmações do antigo musico da Armada, Manuel Ramos, referentes á acção do distinto maestro e compositor sr. Artur Fernandes Fão, chefe da banda de marinheiros.

—Muito haveria a dizer sobre isso. Limitamo-nos, porém, a pôr algumas das afirmações no seu logar: — O actual chefe — Artur Fernandes Fão — ocupou o seu logar em 1914, por concurso feito nos têrmos da lei. A maneira como desempenha o seu cargo foi apreciado pelo comando do corpo, em exposição enviada ao ministro da Marinha, de que resultou ser condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem de S. Tiago, isto quanto ás citações oficiais. A banda promoveu ao chefe uma festa, em Julho de 1922, em que lhe foram oferecidas as insignias daquela condecoração e inaugurado o seu retrato. Nessa festa, de que os jornais fizeram largo relato, foram pronunciados, por musicos da banda, discursos em que se declarou que a banda passára, sob a direcção do actual chefe, por notaveis transformações, que muito a valorisaram.

—E é verdade?

E o nosso entrevistado explica:

—Pela organisação anterior á do corrente ano, a banda devia ser composta de 93 executantes, numero este que nunca teve no seu efectivo, por o ministerio da Guerra se opôr á transferencia de musicos. O maior numero de executantes foi de 66 e não de 90. Porém, pela organisação do corrente ano, feita pelo actual governo, por motivo de compressão de despesas, foi a banda reduzida de 45 figuras, passando de 93 para 48. Mas nem este numero de executantes tem, porque, pelo mesmo motivo de compressão de despezas se não permitte superiormente o preenchimento das vagas existentes; e, como ha musicos doentes, dispensados, a banda só reunirá uns 40 a 45.

—Um ponto, porém, merece explicação clara: o que se refere á ida ao Brasil.

—O chefe foi ao Brasil, em cumprimento de uma ordem. Organisou-se com esse fim uma banda de 24 figuras, tambem em cumprimento de uma ordem. O chefe da banda não pagou nem descontou qualquer importancia aos musicos, nada tendo, portanto, com as reclamações. O chefe recebeu a importancia que lhe pagaram e não tem com a que pagaram aos musicos. Quem fez os pagamentos foi um oficial de marinha encarregado desse serviço, que pagou o que a cada um era devido. A banda que foi ao Brasil, apesar do seu reduzido numero de 24 executantes, não envergonhou o paiz. Fez optimo serviço, sendo aplaudidissimo. Defrontou-se galhardamente com a banda do Mexico, de 90 figuras. O chefe da banda tem o prestigio moral necessario para manter a ordem na banda e a autoridade artistica que lhe dão os seus cursos e os seus conhecimentos artisticos. Diz-se no artigo que a banda «só voltará a ser o que foi, se o actual chefe for destituido e substituido por um chefe de musica requisitado ao Exercito», isto não obstante a banda ter atingido um elevado grau artistico sob a direcção do chefe actual. Ora consideremos: Os chefes de musica do Exercito ascendem a este posto por concurso prestado perante um jury, presidido por um oficial superior da arma de infantaria, que não é musico. O chefe de musica da Armada presta as suas provas perante um jury technico, mas presidido pelo professor do curso superior de composição do Conservatorio Nacional de Musica. Qual é mais competente? Não ha nenhum chefe de musica no Exercito com habilitações oficiais superiores ás que possue o chefe da banda da Armada. Nenhum. Cabe ainda aqui dizer que a doutrina do celebre artigo 9.º já não existe no regulamento, tendo sido retirado a pedido do chefe da banda!

Simon Grossmuler

Partiu hoje para Augsburg o sr. Simon Grossmuler, distinto empregado da Maschinenfabrik Augsburg Hürnberg, que foi o montador das máquinas do «Diario de Lisboa».

GLORIA ETERNA

Os minutos

DE SILENCIO

pelos que morreram

no mar, na terra e no ar

Sobre o silencio dos vivos vai falar a alma dos mortos! Alma que se ergue, entre mãos a rezar; alma que palpita no coração das mulheres, santificadas de luto; alma que se eleva no sorriso da terra portuguesa, discorre sobre as trincheiras desmoronadas da Flandres e é sangue, sêde, ossadas e redenção nas planicies adustas, terrivels e calcinadas de heroismo, da Africa portuguesa. Ha outras almas ainda, no campo santo do Atlantico; no espaço poisam as asas mortas e esfarrapadas daqueles que tombaram, com o sol, sobre a terra inimiga; e duas almas irmãs, desconhecidas, assombrosas de dor, imortais e gloriosas, agitam na Casa do Capitulo, a Chama da Patria, como um gladio invencivel e eterno.

São os mortos que se levantam das flores dos cemiterios, da vaza das trincheiras, das profundidades ocultas do oceano, das legendas heroicas, dos baixos relevos dos monumentos, agitando armas, drapejando estandartes, erguendo triunfos com todas as atitudes, a do desespero, a da luta, a do sacrificio, a da arrancada, a de aventura e até a da propria morte!

Agitam-se! vivem! caminham! São os mesmos! Não amaldiçoam o sacrificio que fizeram. Hoje ainda, se possivel fosse galvanizar cadaveres, repetir-lo-iam. Tingirem com o sangue do seu coração as chagas de Cristo! La Lys teve, como Ourique, Deus; e, como Alcacer-Kibir a desgraça heroica, o *morrer sim, mas devagar!* Caminham os mortos, vêm ao nosso encontro, exercito formidavel que rola das alturas, abala os pedestais de marmore, quebra as grilhetas da eternidade, labareda enorme, que açouta de novas energias a raça — e a vai vêr chorar, ajoelhar e rezar nas ruas ..

* * *

São cinco horas! A luz é morta; ha sombras de nuvens no espaço, e uma agonia lenta, infinita e misteriosa, na terra e nas coisas, como se ela fluisse dos cadaveres e viesse até nós. O sofrimento humano transfigura a natureza. Dá-lhe a sua mascara. Oprime-a como um coração que, feito de soluços, estremecesse de lagrimas e eco crepuscular pupila de Deus! *Cinco horas.* O silencio esmaga. Ao longe escancara-se a guela dum canhão. Rompe a primeira salva. Minuto supremo. Os vivos petrificam-se. Descobrem-se. O silencio é maior, vem do mar, vem do ceu, vem da terra e dos mortos.

Nas ruas, as mulheres ajoelham-se. Ha estatuas curvadas de dor, sombrias de luto, nos degraus das igrejas. Rezam. São as mães e as mulheres dos que morreram na guerra: Silencio fundo, grandioso, patetico e tragico. Os labios tem o ritmo do coração e dizem. *Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso!*

Ha uma mulher que ajoelha perto de uma valeta, como se estivesse sobre terra santa, uma mulher que não sabe a terra onde enterraram o filho, que tira do seu luto um retrato — o dele. E beija-o, e abraça-o, com aquele carinho triste, suplicante de lagrimas, com que as mães, desde o berço á sepultura, sabem embalar a vida que nasceu e as saudades dos mortos, que não morrem...

Outro minuto de silencio. Não ha vila, não ha cidade, não ha enxada de cavador, nem barco a caminho do mar, que não reze este instante.

Rua abaixo, grandes espaços em branco. A mancha humana é pequena. Nem um ruido, tanto a vida, o movimento, a fuga, morreram. Encostai o ouvido á terra, as proprias raises e as proprias larvas encheram-se de serenidade grandiosa.

Seis milhões de almas, dispersas pelas oito provincias de Portugal, batem como um unico coração, balbuciando: *Pelos mortos! Pelos nossos mortos!* Um instante ainda! De joelhos... Nem uma aza atravessa o ceu; nem um queixume de criança; um sorriso inocente. E' mais pesada a angustia, ha uma comoção imensa que abala as pedras das catedraes; excrucia os peitos; rebenta as lagrimas, imobilisa a vida nas oficinas e nos lares, como se o silencio instantaneo, feito de adoração, de cinzas e de soluços abafados, fletisse os homens e as mulheres, sob a mão de Deus, sob a mão dos mortos, sob a mão da eternidade.

Outra salva, longinqua e pesada... Os mortos calaram-se. Já não falam na alma dos vivos, já não agitam estandartes, já não erguem triunfos... Regressam ás trincheiras, aos cemiterios, ao campo santo dos mares, ás estrelas, todos aqueles que venceram o seu destino, e lhe deram a morte—nova gloria, nova vida, nova labarada heroica da raça portuguesa.

João Bonança está agonisante

Está agonisante o distinto escritor João Bonança, a quem devemos varios livros de valor, entre os quais a «Enciclopedia»

NOS DEPUTADOS

A LEI

de imprensa

e a sua inutilidade

segundo

o ministro da Justiça

Apesar de hoje ser 9 de Abril, dia consagrado ao nosso esforço na grande guerra, houve sessão na Camara dos Deputados, que decorreu na forma do costume, e com mais que suficiente numero, caso invulgar e estranho.

O sr. Tavares de Carvalho voltou a reclamar contra a carestia da vida — cada vez mais cara, como se as afirmações do deputado produzissem efeito contraproducente. O orador fez reparos ás medidas tomadas no sentido de se comprimirem as despezas publicas, citando o facto de ainda ha pouco se terem gasto 50 contos para um funcionario qualquer ter telefone. Ocupa-se ainda de afirmações produzidas na recente assembleia geral da Companhia das Aguas, em descredito do regimen, solicitando que se apurem responsabilidades.

O sr. ministro da Justiça pregunta em que epoca foi colocado o referido telefone, que custou 50 contos, e como o sr. Tavares de Carvalho lhe responda que foi ha mêses, o sr. Domingues dos Santos declara que o actual governo nada tem com o caso. Quanto ao que se passou na Companhia das Aguas, sabe que nessa assembleia estiveram alguns republicanos, que souberam defender a honorabilidade dos homens da Republica. Mas as acusações aos politicos do regimen fazem-se em toda a parte, com a maior facilidade e inconsciencia. Até se fazem nas associações comerciais onde se reunem creaturas que exploram o povo, fazendo-se ainda em certa imprensa, por falta duma lei que iniba a propaganda pela calunia.

* * *

O sr. Jorge Nunes expõe o seu desacôrdo com a nomeação de administradores sem vencimento por entender que isso dá logar a irregularidades como se estão dando em Setubal, onde o delegado do governo não é pessoa idonea sob o ponto de vista politico e que, ha dias, sem razão plausivel, proibia a Procissão dos Passos em Palmela, dando logar a um grave tumulto. Referindo-se ao caso da companhia das aguas, diz não conhecer a politica do seu administrador, mas sabe, no entanto, que é uma pessoa correcta.

É facto que um accionista produziu afirmações calunioosas para a Republica, mas á pasta da Justiça é que compete intervir em tais casos, tendo os delegados do ministerio publico o dever de promover contra os calumniadores. Se isso se fizesse haveria mais continencia de linguagem mesmo nos comicios e na imprensa, onde funcionarios de farda e sem ela proferem toda a casta de insultos e calunias.

O sr. ministro da Justiça reforça as declarações já feitas, acrescentando que transmitirá ao seu colega do Interior os casos respeitantes ao delegado do governo em Setubal.

Anuncia ainda que já providenciou no sentido de se chamarem á ordem os detractores do regime pelo processo da calunia — afirmando que a lei da imprensa é uma lei de excepção que deve acabar, ficando apenas de pé o Codigo Penal.

DE LUTO

Florinda da Cunha Andrade

Na sua casa da Rua da Mouraria, 91, 2.º, faleceu hoje, ás 5 horas da manhã, a sr.ª D. Florinda da Cunha Andrade, sogra dos nossos amigos srs. João Marques Ruiz Batalha e dr. Rodolfo Xavier da Silva.

O funeral realisa-se ámanhã, ás 15 horas.

A' familia enlutada os nossos pesames.

Alviçaras

Dão-se a quem entregar na administração do nosso jornal, um alfinete de ouro com um dragão, um brilhante e uma perola, que se perdeu num electrico do Campo Grande, desde a Rua Alexandre Herculano ao Matadouro